

HEGEL E O ENSINO DA FILOSOFIA NOS LICEUS

José Barata-Moura¹



Resumo²: O texto que ora apresentamos é o conteúdo de uma Palestra proferida em Agosto de 2011, em Lisboa, e discute alguns pareceres de Hegel sobre o ensino da filosofia na Universidade, e especialmente nos Liceus. Nosso objetivo é discorrer sobre as três fundamentais “lições” que se pode inferir das meditações hegelianas acerca do ensino da filosofia, a saber: 1) o professor tem que pensar; 2) a filosofia (e o filosofar) não é tão-somente um mero formalismo; 3) a dialéctica se configura como textura, conteúdo, do real e como ocupação nuclear de uma penetração pensante do ser. Primeiramente, nossa argumentação evidencia que, para Hegel, o professor tem que pensar porque este ato é uma exigência fundante do seu trabalho docente de formação. No segundo momento, demonstramos que Hegel se posiciona contrário à tese que afirma o formalismo na contraposição filosofia *versus* filosofar. Em terceiro lugar, expomos que, para Hegel, o ensino e a aprendizagem devem se ocupar, necessariamente, da dialéctica, na medida em que esta não é um mero instrumento da técnica pedagógica, mas porque ela é *constitutiva* do pensar e da manifestação do *ser* no mundo.

Palavras-chave: Hegel. Ensino de filosofia. Filosofia. Dialéctica. Professor.

HEGEL AND PHILOSOPHY TEACHING AT THE LYCEUM

Abstract: The text we present here is the content of a Lecture given in August 2011, in Lisbon, and discusses some of Hegel's opinions on the teaching of philosophy at the University, and especially at the Lyceums. Our objective is to discuss the three fundamental “lessons” that can be inferred from Hegel's meditations on the teaching of philosophy, namely: 1) the teacher has to think; 2) philosophy (and philosophizing) is not just a mere formalism; 3) dialectics is configured as texture, content, of the real and as a core occupation of a thinking penetration of being. First, our argument shows that, for Hegel, the teacher has to think because this act is a fundamental requirement of his teaching training work. In the second moment, we demonstrate that Hegel is opposed to the thesis that affirms formalism in the opposition philosophy versus philosophizing. Thirdly, we show that, for Hegel, teaching and learning must necessarily be concerned with dialectics, insofar as this is not a mere instrument of pedagogical technique, but because it is constitutive of thinking and the manifestation of being. in the world.

Keywords: Hegel. Philosophy teaching. Philosophy. Dialectic. Teacher.

§ 1 *Uma moldura.*

As biliares e atrabiliárias invectivas furiosas de Arthur Schopenhauer contra “os professores de filosofia” (*die Philosophieprofessoren*) e contra o respectivo produto: “a filosofia de professores” (*die Professorenphilosophie*) são, na contundência abstracta do seu iconoclastismo, por demais conhecidas.

A questão do “soldo” (e do reconhecimento “oficial”) esconde as fragilidades (oficiadas) e os desígnios (oficiosos) da “soldadura”, num ambiente institucionalizado de acomodações compradas.

¹ Professor Emérito de Filosofia, no Departamento/Centro de Filosofia da Faculdade de Letras, na Universidade de Lisboa (UL), Portugal. Ex-Reitor da UL. Músico e autor de diversos livros e artigos. Tradutor da obra *O Capital*, de Karl Marx (editora Avante), da *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel (editora Página a Página), etc. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1086-0376>.

² O Resumo e o *Abstract* foram elaborados pelos Organizadores do Dossiê: Antonio Dias e Renato Oliveira.

“Os senhores querem viver, e de facto vivem, da *filosofia*»³ — acontecendo, porém, que o presumido pecúlio pensante que vai garantindo “o ganha-pão” (*das gagne-pain*) a estes “senhores da ‘indústria filosófica’” (*Herren vom ‘philosophischen Gewerbe’*) acaba por se revelar afinal bem escasso na consistência do seu teor efectivo, ainda que regorjite acolchoado de fartas adiposidades ornamentais que lhe disfarçam tanto o vazio como a intenção:

“A tarefa da filosofia de cátedra [*Kathederphilosophie*], no fundo, é esta: expor [*darlegen*], sob um invólucro [*eine Hülle*] de fórmulas e [de] frases muito abstracto, abstruso, e difícil — por conseguinte, martirizantemente aborrecido [*marternd langweiliger*] —, as principais verdades fundamentais [*die Hauptgrundwahrheiten*] do catecismo”⁴.

Estes sonoros assertos schopenhauerianos — no seu valor facial, genericamente e em abstracto, tomados — parecem prometer algum acerto. No entanto, a par de reaccionarismos vários (e, por vezes, desvairados) que o aquecimento da luta ideológica coeva ajudará a pôr em perspectiva⁵, eles destinam-se, no fim das contas, a emoldurar tão-só uns quantos destilatos (pouco, ou nada, subtis) de envencilhado e empedernido ódio de estimação (agudo) dirigido contra Hegel — taxado, de um modo recorrente e com desenvolta soltura, entre outros mimos (negligenciáveis, por sobreabundantes), de “filosofastro” (*Philosophaster*)⁶ por excelência, de regimento paga “criatura ministerial” (*Ministerkreatur*)⁷, de encartado monumento ao “charlatanismo” (*Scharlatanerie*)⁸ palavroso.

³ Die Herren wollen leben, und zwar von der *Philosophie* leben”, Arthur SCHOPENHAUER, *Die Welt als Wille und Vorstellung*, Einleitung zur zweiten Auflage (1844); *Sämtliche Werke*, ed. Wolfgang von Löhneysen (doravante: SW), Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1968, vol. I, p. 24.

⁴ Iist die Aufgabe der Kathederphilosophie im Grunde diese: unter eine Hülle sehr abstrakter, abstruser und schwieriger, daher marternd langweiliger Formeln und Phrasen die Hauptgrundwahrheiten des Katechismus darzulegen”, SCHOPENHAUER, *Über den Willen in der Natur*, Vorrede (1854); SW, vol. III, p. 306. Para um desenvolvimento da ideia, veja-se igualmente: SCHOPENHAUER, *Adversaria* (1829), n. 229; *Der handschriftliche Nachlaß*, ed. Arthur Hübscher (doravante: *Nachlaß*), München, Deutscher Taschenbuch Verlag, 1985, vol. 3, p. 613-615.

⁵ Veja-se a esta luz, por exemplo: SCHOPENHAUER, “Über die Universitäts-Philosophie”, *Parerga und Paralipomena. Kleine philosophische Schriften* (1851), Parerga; SW, vol. IV, p. 171-242. Relativamente a diferentes aspectos desta necessária contextualização, entre a vasta bibliografia disponível: Karl OBERMANN, *Deutschland von 1815 bis 1849. Von der Gründung des Deutschen Bundes bis zur bürgerlich-demokratische Revolution*, Berlin, Deutscher Verlag der Wissenschaften, 1976; Jacques DROZ, *Le romantisme allemand et l'État*, Paris, Payot, 1966; Domenico LOSURDO, *Tra Hegel e Bismarck. La rivoluzione del 1848 e la crisi della cultura tedesca*, Roma, Editori Riuniti, 1983, e *L'ipocondria dell'impolitico. La critica di Hegel ieri e oggi*, Lecce, Milella Edizioni, 2001; bem como o meu livro *Marx e a crítica da «Escola Histórica do Direito»*, Lisboa, Editorial Caminho, 1994.

⁶ Cf. SCHOPENHAUER, *Über die vierfache Wurzel des Satzes vom zureichenden Grunde. Eine philosophische Abhandlung* (1847), Vorrede; SW, vol. III, p. 55.

⁷ Cf. SCHOPENHAUER, *Die beiden Grundproblemen der Ethik* (1840), Preisschrift über die Freiheit des Willens, IV; SW, vol. III, p. 610.

⁸ Cf. SCHOPENHAUER, *Parerga und Paralipomena*, Paralipomena, 24, § 297; SW, vol. V, p. 660. Veja-se também: SCHOPENHAUER, *Foliant II* (1827), n. 238; *Nachlaß*, vol. 3, p. 363-364. O juízo é sempre altamente depreciativo: em muitas passagens dos escritos de Hegel, sentenciam-se, «o autor põe as palavras, e o

Igualmente conhecidos — embora, porventura, em outros círculos de estudiosos destas matérias — são os ajuizamentos tardios levados a cabo pelo antigo aluno Ludwig Feuerbach (não obstante, publicamente crítico do mestre, pelo menos, desde 1839⁹), cujos perceptíveis remoques guardam, no entanto, toda uma outra encadernação, substância, e alcance.

Hegel é recordado, com efeito, numa carta de 1860 a Wilhelm Bolin, como

o modelo [*das Muster*] de um professor alemão da filosofia, [o modelo] de um escolarca filosófico. O Espírito absoluto [*der absolute Geist*] não é senão o professor absoluto [*der absolute Professor*], o professor que, exercendo a filosofia como mister [*Amt*], encontrando no professorado [*Professur*] a sua suprema bem-aventurança [*Seligkeit*] e destinação [*Bestimmung*], faz do ponto de vista da cátedra o ponto de vista cosmológico e histórico-mundial que tudo determina.¹⁰

Hegel, profissionalmente (descontando uma experiência jornalística breve na *Bamberger Zeitung*), foi, de facto, *professor* em diversos períodos da sua vida — desde o preceptorado (não muito entusiasmante) em casas de gente abastada de Bern e de Frankfurt, a uma docência precária em Jena¹¹, até ao magistério no *Ägidien-Gymnasium* de Nürnberg, e depois nas Universidades de Heidelberg e de Berlin.

Mas Hegel não se limitou a *ensinar*. Reflectiu amadurecidamente, e escreveu, também, com uma sistematicidade que não releva apenas do formalismo expectável em pronunciamentos avulsos, sobre o *ensino da filosofia*.

Para além das múltiplas anotações dispersas que são referenciáveis ao longo da obra (e em apontamentos tirados pelos alunos), dispomos, nomeadamente, de três pareceres, cuja releitura atenta merece decerto a pena.

leitor deve pôr o sentido» — “der Autor die Worte setzt, und der Leser den Sinn setzen soll”, SCHOPENHAUER, *Eristische Dialektik* (1830-1831), Basis aller Dialektik; *Nachlaß*, vol. 3, p. 681.

⁹ Cf. Ludwig FEUERBACH, *Zur Kritik der Hegelschen Philosophie* (1839); *Gesammelte Werke*, ed. Werner Schuffenhauer (doravante: GW), Berlin, Akademie-Verlag, 1982², vol. 9, p. 16-62.

¹⁰ “das Muster eines deutschen Professors der Philosophie, eines philosophischen Scholarchen. Der absolute Geist ist nichts andres als der absolute Professor, der die Philosophie als Amt betreibende, in der Professur seine höchste Seligkeit und Bestimmung findende, den Kathederstandpunkt zum kosmologischen und welthistorischen, alles bestimmenden Standpunkt machende Professor.”, FEUERBACH, *Brief an Wilhelm Bolin*, 20. Oktober 1860; GW, vol. 20, p. 292. Lembremos, no entanto, que não é em virtude destas apreciações do magistério hegeliano, mas pela desconsideração feuerbachiana da dialéctica, que Marx observa, a propósito do tratamento como «um cão morto» (*ein toter Hund*) de que Hegel generalizadamente era então objecto no chamado mundo dos cultos: “Feuerbach tem muito [a pesar-lhe] na consciência, quanto a esta perspectiva.” — (“Feuerbach hat viel auf seinem Gewissen in dieser Hinsicht”), Karl MARX, *Brief an Friedrich Engels*, 11. Januar 1868; *Marx – Engels Werke*, ed. IML (doravante: MEW), Berlin, Dietz Verlag, 1974, vol. 32, p. 18.

¹¹ Com manifesto interesse para o nosso tema, veja-se: Manuel J. do CARMO FERREIRA, *Hegel e a justificação da filosofia (Iena, 1801-1807)*, Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1992.

Datam esses textos de 1812¹², de 1816¹³, e de 1822¹⁴. Têm em vista os níveis liceal e universitário da leccionação da filosofia, e foram elaborados: os dois primeiros, a pedido, respectivamente, de Friedrich Immanuel Niethammer (um amigo dilecto desde a estadia em Jena, ao tempo, inspector-geral do ensino secundário da Baviera)¹⁵ e de Friedrich Ludwig Georg von Raumer (conselheiro do governo da Prússia)¹⁶; o terceiro escrito foi composto por iniciativa própria, tendo por ocasião um despacho (ou uma intimação) do Ministério para que se pronunciasse acerca da qualidade da prestação docente de Leopold von Henning (seu antigo aluno, e colaborador)¹⁷.

§ 2 *Um questionário.*

Nas condições sociais hodiernas — designadamente, as respeitantes à moldura institucional de enquadramento, ao estágio de desenvolvimento da arte, e ao *trabalho do pensar* que em causa sempre está —, o *ensino da filosofia* cruza e interliga dimensões que se revelam atinentes às problemáticas da profissão, de aquilo que se professa, e do *exercício* de um professor.

Dado o limitado tempo de que disponho para esta comunicação — que me não foi, de antemão, encomendada como um *keynote-speech* —, e atendendo a que em outras ocasiões (pelo menos, desde 1972) me debrucei já sobre o tópico em apreço nas suas articulações com o pensamento de Hegel (para cujos resultados, e mediação, remeto)¹⁸,

¹² Cf. Georg Wilhelm Friedrich HEGEL, *Über den Vortrag der Philosophie auf Gymnasien; Theorie Werkausgabe*, red. Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel (doravante: TW), Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1970, vol. 4, p. 403-416.

¹³ Cf. HEGEL, *Über den Vortrag der Philosophie auf Universitäten*; TW, vol. 4, p. 418-425.

¹⁴ Cf. HEGEL, *Über den Unterricht in der Philosophie auf Gymnasien*; TW, vol. 11, p. 31-41.

¹⁵ Cf. HEGEL, *Brief an Niethammer, 24. März 1812; Briefe von und an Hegel*, ed. Johannes Hoffmeister (doravante: HB), Hamburg, Felix Meiner Verlag, 1969, vol. I, p. 397.

¹⁶ Cf. Friedrich von RAUMER, *Brief an Kaspar Friedrich von Schuckmann, 10. August 1816* (HB, vol. II, p. 398), bem como *Brief an Hegel, 7. August 1816*; HB, vol. II, p. 104-106.

¹⁷ Recorde-se que, numa carta anterior — onde, aliás, é perceptível o desagradável ambiente de perseguição e de intriga de que os acusados de “demagogismo” eram alvo (e figura aí uma referência inequívoca à situação de von Henning) — Hegel observa, quanto à desprotecção pública de que o exercício da docência se reveste: “o professor de filosofia, em e para si, é um exposto [*ein Expositus*, alusão às crianças abandonadas na roda dos conventos] nato.” — (“der Professor der Philosophie an und für sich ein geborner Expositus ist.”), HEGEL, *Brief an Niethammer, 9. Juni 1821*; HB, vol. II, p. 271. No caso que desencadeou este parecer, a intimação ministerial datava de 1 de Novembro de 1821, o que de manifesto indicia que entretanto o clima se não havia alterado substancialmente... Para um enquadramento desta actividade — menos conhecida (e, por vezes, mal entendida) — de Hegel relativamente a alunos que iam tendo problemas com a polícia em virtude das suas inclinações democráticas “afrancesadas”, veja-se, por exemplo: Jacques D’HONDT, *Hegel en son temps (Berlin, 1818-1831)*, II, III; Paris, Éditions Sociales, 1968, p. 171-237.

¹⁸ Veja-se, por exemplo, o meu estudo: “Filosofia e filosofar. Hegel versus Kant?”, *O outro Kant*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2007, p. 219-252. Para outras tematizações em torno desta problemática hegeliana, vejam-se, por exemplo: Manfred BAUM e Kurt-Rainer MEIST, “Durch Philosophie

permito-me saltar de sopetão para um interrogativo que nos poderá introduzir no debate que imagino ser aquele em que o presente Seminário se inscreve.

Que *lições* poderemos nós, então, recolher da meditação hegeliana acerca do ensino da filosofia?

Uma vez que, como Aristóteles lembrava, “em todo o caso, há que filosofar” (Βϙ<9TH N48≅Φ≅N09Ξ≅<)¹⁹, apontemos que a “lição” pode converter-se ela própria em pertinente matéria de questionamento.

Originariamente, a “lição” (a *lectio*) apresentava-se como uma “leitura”²⁰ — no período medieval da conventualidade edificante ou da embrionária escolarização em sala, versando, na secura dos entoados (limpos do adorno do cântico) e com alguma neutralidade hermenêutica (por oposição às sanguíneas animações da *disputatio*), os textos escriturísticos ou as *Sentenças* de Pedro Lombardo.

De pronto, porém, e inaugurando uma tradição robusta e perdurante, a “lição” se veio a contaminar com a figura comunicacional da *prelecção*; muito em particular, a efectuada naqueles especiais momentos solenizados do “discurso legítimo, pronunciado por quem de direito” (*discours légitime, prononcé par qui de droit*)²¹.

Em termos de valência semântica, por outro lado, deparamos também com um outro trânsito, não menos curioso: passamos da decifração, do ordenamento, e da selecção, dos manuscritos — tarefas fundamentais que, ainda hoje, se depositam no precioso aparato das edições críticas a partir de fontes não impressas²² — à exposição lida, ao comentário e à

leben lernen. Hegels Konzeption der Philosophie nach den neu aufgefundenen Jenaer Manuskripten”, *Hegel-Studien*, Bonn, 12 (1977), p. 32-81; Johannes ROHBECK, “Hegels Didaktik der Philosophie”, *Dialektik*, Köln, 2 (1981), p. 122-137; Roberto RACINARO, “Sul concetto hegeliano di ‘Bildung’”, *Il futuro della memoria. Filosofia e mondo storico tra Hegel e Scheler*, Napoli, Guida editori, 1985, pp. 1-22; Domenico LOSURDO, “La scuola, la divisione del lavoro e la libertà dei moderni”, *Hegel e la libertà dei moderni*, Roma, Editori Riuniti, 1992, p. 266-293; Roland W. HENKE, *Hegels Philosophieunterricht*, Würzburg, Königshausen & Neumann, 1997²; Paolo GIUSPOLI, “Formazione e mediazione del sapere. Teoria e pratica dell’insegnamento filosofico in Hegel”, *Insegnare filosofia. Modelli di pensiero e pratiche didattiche*, ed. Luca Illetterati, Novara, UTET Università, 2007, p. 160-186.

¹⁹ Cf. ARISTÓTELES, *Protréptico*, 2; *Fragmenta Selecta*, ed. W. D. Ross, Oxford, At trhe Clarendon Press, 1958², p. 27.

²⁰ “Diz-se leitura [*lectio*] porque não é cantada, como um salmo ou um hino, mas [porque] apenas é lida.” — (“*Lectio dicitur quia non cantatur, ut psalmus vel hymnus, sed legitur tantum.*”), ISIDORO DE SEVILHA, *Etymologiarum libri XX*, VI, 19, 9.

²¹ Pierre BOURDIEU, *Leçon sur la leçon*, Paris, Éditions de Minuit, 1982, p.7.

²² A título de exemplificação, aleatória mas significativa, vejamos, por exemplo, as considerações de William David ROSS, “Introduction”, V; *Aristotle’s Metaphysics*, Oxford, At the Clarendon Press, 1970, vol. I, p. clv-clxvi.

glosa, às diferentes situações da “aula” e da enunciação perante auditórios, sem esquecer a conclusão “moral” a retirar como ensinamento esperado de uma fábula ou de uma narrativa²³.

Todavia, em rigor — e, sobremaneira, sempre que num quadro filosofante tomada —, a *lição*, na unidade de um mesmo movimento, devém expressão sedimentada de um pensado, e desafio ao empreender de renovadas aventuras no pensar²⁴.

Perspectivada neste quadro, qual é, pois, a grande *lição* de Hegel em torno do ensino da filosofia?

Para simplificar o entrecho, e para circunscrever o âmbito desta fala, tratarei de resumir-me hoje a três vectores principais que vincadamente se desprendem da atitude que preside à concepção hegeliana quanto ao tópico que nos con-voca:

o professor tem que pensar;

a filosofia não é um formalismo;

a dialéctica assoma como textura do real e como ocupação nuclear de uma penetração pensante do ser.

Entremos, portanto, na matéria.

§ 3 O pensar como exigência fundante.

O professor não se limita a debitar aquilo que presumivelmente aprendeu.

O professor não é uma mera caixa de transmissão de sabenças.

O professor *tem que* pensar ele próprio também.

Parece um truísmo, um apotegma óbvio de que nem vale a pena falar, e como tal displicentemente negligenciável; na verdade, porém, e vistas as coisas mais de perto, trata-se de uma funda *exigência constitutiva* — e bem árdua na realização — do nosso quotidiano *mester* de professores de filosofia.

²³ Como, por vezes, também aparece referido: a “instrução” (*instruction*) que se pode colher da leitura das «obras» (*ouvrages*), ou, abreviadamente, a “moral da história”. Cf. Luc de Clapiers, marquês de VAUVENARGUES, *Réflexions et maximes* (1747), n. 429; *Introduction à la connaissance de l'esprit humain. Fragments. Réflexions critiques. Réflexions et maximes. Méditation sur la foi*, ed. Jean Dagen, Paris, Garnier-Flammarion, 1981, p. 319.

²⁴ Trata-se de uma visão, aliás, que um fabulista do quilate de La Fontaine, experimentado na dinâmica que enlaça uma procurada poética da brevidade com o incitamento a que o leitor prossiga enriquecidos itinerários reflexivos, não deixou de registar: “nos assuntos mais belos, é preciso deixar alguma coisa para pensar” — (“il faut laisser/Dans les plus beaux sujets quelque chose à penser”, Jean de LA FONTAINE, *Les lapins. Discours à M. le duc de La Rochefoucauld*), (1678), *Fables*, X, XIV; Paris, Bookking International, 1993, p. 307.

Contudo, uma vez descortinada esta perspectiva, uma vez removida a tampa que assolapa caves e esconsos menos visitados, as interrogações — não raro, indutoras de perplexidade e de turbamento — vão-se-nos adensando quase em catadupa.

Que andamos nós a ensinar?

Será viável *trans-mitir* conteúdos com um sentido apercebível — a recorrente queixa, em regra, é a de que os alunos o não entendem —, se, *para nós próprios*, eles não começarem por fazer sentido?

Como *incentivar* ao *cultivo* de uma *forma* (pensante) na lida com os materiais e com os objectos de estudo — se nós próprios não efectuarmos essa introdução *de dentro* de uma *experiência do pensar* ?

Duros e constantes desafios, numa marcha que, desafiadora, prossegue.

À primeira vista, o ponto de partida adoptado por Hegel para o lançamento das suas reflexões em torno destas matérias parece remeter para o acessório circunstancial de uma simples conjuntura.

Verifica-se que subsiste um quotidiano problema operativo na montagem dos cursos de filosofia que requer resolução. E, desde logo, nesse espaço determinado o docente é chamado a intervir com alguma aportação própria.

Dada a existência de um programa a leccionar (com temáticas genericamente definidas), por um lado, e dada a inexistência, por outro lado, de um compêndio oficial a seguir (em apoio do seu cumprimento), acontece que ao professor tem que ser deixada, e reconhecida, a “liberdade” (*Freiheit*) de usar do seu próprio critério e “discernimento” (*Einsicht*) na “ordenação” (*Ordnung*) e na concatenação ou “conexão” (*Zusammenhang*) das matérias²⁵.

No entanto, esta observação — na aparência singela da sua imediatez banal — possui um contorno e um alcance acentuadamente mais vastos. Com efeito, ela firma-se em, e aponta para, um conceito bem mais complexo e exigente do *processo do ensino-aprendizagem*, que, desde logo, enlaça e mobiliza no elemento da *criatividade* tanto o discente como o docente.

²⁵ Da constatação da ausência de um breviário a repetir decorre a emergência de um tabuleiro de responsabilidade a criativamente ocupar: “Na medida em que ainda não está disponível nenhum compêndio, tem decerto que ficar para o docente a liberdade de, nisso segundo o seu discernimento, formar a ordenação e a conexão [da matéria a tratar].” — (“Insofern noch kein Kompendium vorhanden ist, muß wohl dem Lehrer die Freiheit bleiben, hierin nach seiner Einsicht die Ordnung und den Zusammenhang zu bilden.”), HEGEL, *Über den Vortrag der Philosophie auf Gymnasien* (1812), I; TW, vol. 4, p. 404.

Aqui, o ponto fulcral — por cima do qual não há que apressadamente saltar — passa também pelo compreender (e pelo pôr em prática) de toda uma intrínseca (e actualizanda) *dialéctica* da *forma subjectiva* do pensar e do *conteúdo objectivo* dos pensamentos.

No marco disciplinar da filosofia designadamente, a instrução que se tem em vista, e que se realiza, não é:

nem um despejo de carradas de escórias excogitadas no entreposto plástico da memória (passiva) dos alunos — não há “filosofar” (*Philosophieren*) na mera recitação de uma “autoridade” (*Autorität*) exterior²⁶;

nem uma trazida reminiscente do virginalmente já ínsito no recôndito das mentes juvenis (enquanto latência acabada, mas por esaquecimento obscurecida) à superfície luminosa da (auto)consciência²⁷;

nem a prodigalização assistida de ocasiões favoráveis ao precipitado parto prematuro de uns quantos insinuantes achados com deslumbramento tidos por alvoroçada manifestação da frescura de uma “genialidade” (*Genialität*) precoce²⁸.

“A educação” (*die Erziehung*) é um processo de *transformação* — significa “um remodelar da alma” (*ein Umgestalten der Seele*) — em que o saber, tal como “a virtude” (*die Tugend*), «não é nada de inato» (*nichts Angeborenes*), mas «algo de a produzir no indivíduo por uma actividade própria dele” (*etwas in dem Individuum durch dessen eigene Tätigkeit Hervorzubringendes*), pelo que pressupõe toda uma marcha desde aquilo que meramente não passa de “algo de peculiar” (*ein Eigentümliches*) e de “contingente” (*ein Zufälliges*) até uma esfera trabalhada e apropriada de “objectividade” (*Objektivität*) e de “universalidade” (*Allgemeinheit*)²⁹.

Há, sem dúvida, ao longo deste processo, momentos constitutivos em que uma atitude de imprescindível acolhimento define a atmosfera dominante.

²⁶ “A esse subministrar de um outro fundamento, que não o da autoridade, chamou-se filosofar.” — (“Dies Unterschieben eines anderen Grundes, als den der Autorität, hat man Philosophieren genannt.”), HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, Einleitung, B, 2, a; TW, vol. 18, p. 80-81.

²⁷ Para Hegel, “o profundo sentido de pensamento” (*der tiefe Gedankensinn*) que se prende à “re-miniscência” (*Er-innerung*) não é o de uma reprodução (avulsa, ou metódica) de exterioridades entretanto registadas, mas um movimento de interiorização do exercício do pensar — um “tornar-se interior” (*Sich-innerlich-machen*) do saber, pelo “entrar nele [próprio]” (*Insichgehen*) do pensador. Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, I, I, 3, A; TW, vol. 19, p. 44.

²⁸ É neste sentido que Hegel repetidamente põe de sobreaviso quanto à necessidade de se não confundir o pensar com a elocubração de meras “imagens [ou invenções] que não são nem peixe nem carne, nem poesia nem filosofia” — (“Gebilde, die weder Fisch noch Fleisch, weder Poesie noch Philosophie sind”), HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede; TW, vol. 3, p. 64.

²⁹ Para todo este desenvolvimento, tenha-se em conta: HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 395, Zusatz; TW, vol. 10, p. 71 e 72.

A filosofia não é uma exibição de puro espontaneísmo selvagem manante; ela tem certamente que ser *aprendida* ³⁰.

No entanto, e do mesmo passo, há que ter sempre presente que “o aprender [*das Lernen*] enquanto mero receber [*Empfangen*] e coisa de memória [*Gedächtnissache*] é [apenas] um lado sumamente incompleto do ensino [*Unterricht*].”³¹.

Na relação que estrutura o aprendizado, a tarefa que desafia é, pois, uma outra, e muito diferente — no, e pelo, entramado das suas dimensões:

Trata-se de conduzir “a juventude” (*die Jugend*) num exigente itinerário de efectiva *apropriação* — “desde o mero apreender” (*vom bloßen Auffassen*) de conteúdos inicialmente estranhos e ossificados, até ao desenvolvimento de uma “ocupação auto-activa” (*selbsttätige Beschäftigung*), vitalizada, com eles —; porque, verdadeiramente, “não [é] o receber, mas a auto-actividade do captar [*die Selbsttätigkeit des Ergreifens*] e a força [o poder, *die Kraft*] de voltar a servir-se dele [que] somente fazem de um conhecimento [*Kenntnis*] propriedade nossa [*unseres Eigentum*].”³²

Deste modo, o ensino não consiste de todo em “o inculcar [*das Einprägen*] de uma colecção [*Sammlung*] de singularidades [*Einzelheiten*], ou porventura apenas de um conjunto [*Menge*] de palavras e de maneiras de dizer [*Redensarten*].”³³, susceptíveis de, porventura, proporcionar aos incautos (ou a examinadores pouco avisados) a ilusão de que se detém algo que se não possui.

Ensinar não é, em caso algum, mobilar a trouxe-mouxe espaços desnudados e inertes com umas quantas fórmulas sacramentais de salvífico efeito garantido, erigindo o respectivo papagueio (convenientemente amestrado para disparar mal a deixa se faça ouvir) em retumbante sinal exterior de sucesso educativo, susceptível de concitar o generalizado aplauso e a embevecida satisfação dos espíritos circundantes, destarte tranquilizados e até mesmo ufanos.

³⁰ “Ora, o procedimento para se tornar familiar com uma filosofia plena de conteúdo não é nenhum outro senão o *aprender*.” — (“Das Verfahren im Bekanntwerden mit einer inhaltvollen Philosophie ist nun kein anderes als das *Lernen*.”), HEGEL, *Über den Vortrag der Philosophie auf Gymnasien* (1812), II; TW, vol. 4, p. 411.

³¹ “das *Lernen* als bloßes Empfangen und Gedächtnissache ist eine höchst unvollständige Seite des Unterrichts.”, HEGEL, *Rede zum Schuljahrschluß am 14. September 1810*; TW, vol. 4, p. 332. “A memória [*das Gedächtnis*] como tal é ela própria o modo apenas exterior, o momento unilateral [*das einseitige Moment*], da *existência* do pensar” — (“Das Gedächtnis als solches ist selbst die nur äußerliche Weise, das einseitige Moment der *Existenz* des Denkens”), HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 464; TW, vol. 10, p. 283.

³² “nicht das Empfangen, sondern die Selbsttätigkeit des Ergreifens und die Kraft, sie wieder zu gebrauchen, macht erst eine *Kenntnis* zu unserem *Eigentum*.”, HEGEL, *Rede zum Schuljahrschluß am 14. September 1810*; TW, vol. 4, p. 332.

³³ “das *Einprägen* einer *Sammlung* von *Einzelheiten*, etwa nur von einer *Menge* Wörter und *Redensarten*”, HEGEL, *Rede zum Schuljahrschluß am 14. September 1810*; TW, vol. 4, p. 333.

Aquilo que converte “o aprender” (*das Lernen*) em “um estudar” (*ein Studieren*) — e trata-se de uma coisa séria³⁴, que não dispensa, mas antes envolve e compromete, “o trabalhar próprio” (*das eigene Arbeiten*) — é, muito pelo contrário, “um transitar recíproco entre o singular e o universal” (*ein wechselwirkendes Übergehen zwischen Einzelnen und Allgemeinen*)³⁵.

Há, portanto, na andança da formação, um indispensável trajecto *subjectivo* que tem que se levado a cabo, e que — não seja por displicência, ou pudor, omitido — envolve *trabalho*. A trajectória que ele é chamado a descrever, por sua vez, encontra-se comandada pela necessária procura de uma articulação dialéctica do uno e do múltiplo, pela circunstância principal de que, como no arranque da *Fenomenologia do Espírito* se sublinha, “a filosofia está essencialmente no elemento da universalidade que contém em si [isto é, nela] o particular”³⁶.

³⁴ É a esta luz que devem ser entendidas as palavras pouco abonatórias de Hegel relativamente ao lugar da “brincadeira” na pedagogia: “Tem por isso que se declarar como um completo disparate a pedagogia lúdica [*die spielende Pädagogik*], que quer dar a conhecer às crianças aquilo que é sério [*das Ernste*] como [um] jogo [*Spiel*], e que coloca ao educador a exigência de se rebaixar ao sentido infantil dos alunos, em vez de os elevar ao sério da coisa. Esta educação lúdica só pode ter como consequência para toda a vida do rapaz que ele vai considerar tudo com um sentido de desdém.” — (“Deshalb muß man für eine völlige Verkehrtheit die spielende Pädagogik erklären, die das Ernste als Spiel an die Kinder gebracht wissen will und an die Erzieher die Forderung macht, sich zu dem kindischen Sinne der Schüler herunterzulassen, anstatt diese zum Ernste der Sache heraufzuheben. Diese spielende Erziehung kann für das ganze Leben des Knaben die Folge haben, daß er alles mit verächtlichem Sinne betrachtet.”), HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 396, Zusatz; TW, vol. 10, p. 81. No contexto deste pronunciamento severo, a preocupação dominante de Hegel tem a ver com “a disciplina” (*die Zucht*) que importa adquirir, com o aprendizado da “dignidade” (*Würde*) das coisas que se vão descobrindo, com a convicção de que “a obediência é o começo de toda a sabedoria” (*der Gehorsam ist der Anfang aller Weisheit*). Do mesmo passo, não obstante, Hegel igualmente insiste em que “tem que ser despertado” (*muß erweckt werden*), como objectivo irrenunciável, “o pensar próprio das crianças” (*das eigene Denken der Kinder*). Pela minha parte, sou da opinião de que, em determinadas idades e em contornos determinados, a *brincadeira* guarda um fundamental *vector educativo* que não deve ser menosprezado. Só que também aqui há que ser dialéctico, e que fazer intervir a dialéctica. A pedagogia do jogo é *uma coisa muito séria*, não é um arremedo fácil e improvisado de caricaturais infantilismos vários, nem uma projectada compensação serôdia de ressentidas frustrações do adulto relativamente à sua meninice. A “brincadeira” pode converter-se ela própria em ocasião de *crecimento*, e é aí que o papel do educador (formal, ou informal) — não arvorado em controleiro ou moralista, mas enquanto *co-participante* na actividade lúdica — desempenha uma difícil e fundamental função: ajudar à descoberta conjunta do mundo e da vida num registo partilhado em que o “brincar” define uma envolvimento de arranque.

³⁵ Cf. HEGEL, *Rede zum Schuljahrschluß am 14. September 1810*; TW, vol. 4, p. 333. Veja-se também uma outra passagem esclarecedora acerca da aprendizagem enquanto processo que leva a “ter-se um conhecimento por dentro” (*eine Kenntnis innezuhaben*). Cf. HEGEL, *Bericht über das Gymnasialschuljahr 1811/1812*; TW, vol. 4, p. 400. Recordemos que se trata de um tópico que já a pedagogia socrática cuidou de pôr em evidência, nomeadamente, com a conhecida contraposição entre aquilo que se toma “do exterior” ($\clubsuit \rightarrow \cong 2\gamma <$) e em exterioridade permanece, e aquilo que “interiormente” ($\clubsuit < * \cong 2\gamma <$) assimilado se possui. Cf. PLATÃO, *Fedro*, 275 ab.

³⁶ “die Philosophie wesentlich im Elemente der Allgemeinheit ist, die das Besondere in sich schließt”, HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede; TW, vol. 3, p. 11.

Quer isto dizer, na teia intrincada de mediações que acarreta, que “a aprendizagem” e que “o ensino da filosofia” não se colocam numa situação de extraterritorialidade relativamente ao *exercício do pensar*.

Não há nem ensino nem aprendizagem da filosofia *fora* de uma *con-vivência* com o pensar, e no pensar.

A filosofia não é uma simples inspiração (ou expiração) pneumática, dispõe de corpo: tem um “conteúdo formado” (*gebildeter Inhalt*), é um saber constituído, “um tesouro” (*ein Schatz*), “um património” (*ein Erbgut*); “o docente possui-o; pensa-o de antemão [e pensa-o perante um auditório, *vordenken*], os alunos pensam sobre ele [depois, *nachdenken*].³⁷

Professor e estudantes — na assimetria relativa das posições que à partida ocupam, e entretecendo as diferenças de transitório estado de maturação que entre eles ocorrem — estão, por conseguinte, vinculados a uma partilhada aventura (e a um trabalho) de pensamento.

Na dinâmica funcional do sistema deste modo instalado, a unidireccionalidade estrita (segundo o modelo da emissão/recepção objectivada) tem que ceder o passo a um alargado jogo de co-operações inter-activas, em que a coetânea (re)modelação dos diferentes sujeitos se vai processando.

“O estudo filosófico” (*das philosophische Studium*), no labor de transformação em que consiste, aponta decerto, em termos de resultado, para que efectivamente “*algo seja aprendido*” (*etwas gelernt werde*); todavia, na unidade de um mesmo movimento, esta aquisição implica também, no quadro de uma negatividade consonante a desdobrar, que “a ignorância [seja] *afugentada*” (*die Unwissenheit verjagt*), que “a cabeça vazia [seja] *preenchida com pensamentos e teor*” (*der leere Kopf mit Gedanken und Gehalt erfüllt*), e — traço decisivo a nunca perder de vista nestas pendências — que “seja desalojada aquela *peculiaridade natural do pensar*, quer dizer: a contingência, [o] arbítrio, [a] particularidade, do opinar [*Meinen*].”³⁸

³⁷ “Der Lehrer besitzt ihn: er denkt ihm vor, die Schüler denken ihn nach.”, HEGEL, *Über den Vortrag der Philosophie auf Gymnasien* (1812), II; TW, vol. 4, p. 412.

³⁸ “jene natürliche Eigentümlichkeit des Denkens, d. h. die Zufälligkeit, Willkür, Besonderheit des Meinens vertrieben werde.”, HEGEL, *Über den Vortrag der Philosophie auf Gymnasien* (1812), II; TW, vol. 4, p. 412. O tema da necessária remoção principal da * $\bar{\forall}$ do território firme correspondente ao domínio do saber fundamentado tem atrás de si toda uma imponente e elucidativa trajectória, desde os alvares da Antiguidade grega até Kant, que, ao seu jeito, trata de o recuperar também. Parménides contrapunha, em termos de exclusão recíproca, os dois “caminhos” ($\textcircled{R} * \cong \dots$) que ao indagador da sabedoria se apresentam: um deles conduz à “verdade” ($\square 8Z2\gamma 4\forall$), o outro deixa-nos prisioneiros da “opinião” (* $\bar{\forall}$) em que os mortais se enredam — cf. PARMÉNIDES, *Fragmento B 8 50-53; Die Fragmente der Vorsokratiker*, ed. Hermann Diels e Walther Kranz (doravante: FVS), Berlin, Weidmannsche Verlagsbuchhandlung, 1956, vol. I, p. 239. Platão, no marco da sua epistemologia, insistia repetidamente em que o filósofo não pode em absoluto ser confundido com um mero

Estamos, na verdade e em concreto, perante um inequívoco aceno à constitutiva dimensão *crítica* que nos interpela, e desinquieta, como um dos vectores nucleares do *pensar filosófico*: a questão não é de todo nem a de um armazenamento bruto de mercadorias, nem a de uma entrega às extravagâncias idiossincráticas e mitómanas da raciocinação avulsa e fantasiante³⁹, mas a do assumir pleno de um *exame fundamentado* de aquilo que se pensa.

Esta espinhosa missão será, por certo, mais fácil de verbalizar numa conferência do que de efectivamente cumprir no terreno. Ela reveste-se, porém, e na verdade, de contornos portentosos — não apenas pela natureza intrínseca do seu objecto, e pelas dificuldades sinuosas que levanta, mas fundamentalmente porque eles permeiam e entretecem o quotidiano (prosaico, na sua repetida fenomenalidade) das acções lectivas determinadas.

Em jogo, em equação, em trans-porte comunicacional entre gerações, encontra-se e perfila-se toda uma dinâmica da lida com patrimónios culturais (filosóficos) em que a humanidade deposita e enriquece as experiências da sua marcha mundana no devir das realidades:

Ao professorado [*Lehrstande*, à classe dos docentes] está confiado o tesouro da cultura [*Bildung*], dos conhecimentos [*Kenntnisse*], e [das] verdades [*Wahrheiten*], [um património] no qual todas as idades transcorridas trabalharam, para que o conserve, e transmita à posteridade [*Nachwelt*]. O docente tem de se considerar como o guardião [*der Bewahrer*] e [o] sacerdote [*der Priester*] desta luz sagrada

“filodoxo” (N48 $\bar{*}\equiv>\equiv H$) ou amante de opinações — cf., por exemplo, PLATÃO, *República*, V, 480a. Kant — designadamente, no âmbito da sua demarcação crítica relativamente aos procedimentos dogmáticos da tradicional metafísica dominante — percorre trilhos semelhantes, ao censurar todos aqueles que se apressam “a transformar [o] trabalho em jogo, [a] certeza em opinião, e [a] filosofia em filodoxia” — “Arbeit in Spiel, Gewi \exists heit in Meinung, und Philosophie in Philodoxie zu verwandeln”, Immanuel KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, Vorrede zur zweiten Auflage; B XXXVII. O tratamento hegeliano do tópic — até pela fundamentalidade da sua acentuação — revela-se, de igual modo, esclarecedor. De alguma maneira, “o opinar” (*das Meinen*) e “a opinião” (*die Meinung*) limitam-se, no fundo, a dizer aquilo que é “meu” (*mein*) na imediatez de uma certeza sensível (interiormente, ou num campo de exterioridade, intuída), sem cuidar de pelo estudo (pelo pensar) ascender à verdade “universal” (*allgemein*) da coisa que, correspondendo ao seu desenvolvimento concreto, a vem a dar também como algo de “comum” à experienciação “de todos” (*allgemein*). Cf., por exemplo, HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, I (TW, vol. 3, p. 85) e *Wissenschaft der Logik*, I, I, I, 2, B, a (TW, vol. 5, p. 126). A evocação de Heraclito devém, a este propósito, pertinente: “sendo embora o logos comum [$>\Lambda< \bar{H}$], a turba [os muitos, $\equiv\supset B\equiv 88\equiv \dots$] vive como se tivesse um entendimento [das coisas, $N\Delta <0\Phi 4H$] peculiar [próprio a cada um, $\cap *4\forall$].” — “ $\exists\equiv\bar{\neg} 8 (\equiv\Lambda *'f <9\equiv H >\Lambda <\equiv\bar{\neg} \cdot\phi\equiv\Lambda\Phi 4 < \equiv\supset B\equiv 88\equiv R) H \emptyset * \dots \forall < \clubsuit \Pi \equiv < 9\gamma H N\Delta < 0\Phi 4 < \dots$ », HERACLITO, *Fragmento B 2*; FVS, vol. I, p. 151.

³⁹ Como não deixa de ser observado, “o principal da mitologia é obra da razão fantasiante, que faz da essência objecto, mas ainda não tem nenhum outro órgão senão o modo sensível da representação” — “die Hauptsache der Mythologie ist Werk der phantasierenden Vernunft, die sich das Wesen zum Gegenstande macht, aber noch kein anderes Organ hat als die sinnliche Vorstellungsweise», HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, Einleitung, B, 2, b; TW, vol. 18, p. 102-103. Daí que — designadamente, contra certos maneirismos de extracção schellinguiana — Hegel tanto insista em que a filosofia não é “coisa da imaginação” (*Sache der Einbildungskraft*) ou da “fantasia (*Phantasie*), mas “coisa do conceito” (*Sache des Begriffs*), “coisa da razão” (*Sache der Vernunft*). Cf. HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), II, Einleitung; TW, vol. 9, p. 10.

[*heiliges Licht*], para que ela não se apague, e a humanidade [*die Menschheit*] não volte a afundar-se na noite da antiga barbárie.⁴⁰

A exigência vinculativa da *mobilização de um pensar efectivo*, enquanto alicerce e ferramenta aos quais a interpretação em geral não pode renunciar sob pena de desastrado desvirtuamento, está sempre presente, é uma constante — mesmo quando, aparentemente, em causa está apenas um comezinho expôr de matéria:

“Esta transmissão [*Überlieferung*] tem, por um lado, que acontecer com uma preocupação de fidelidade [*mit treuer Bemühung*, àquilo que, oriundo de outrem, é transmitido], mas, simultaneamente, a soletração [*der Buchstabe*]” — essa figura encarecida e estilizada da hermenêutica, destinada a descrever voos de mais ambiciosa amplitude⁴¹ — “só se torna justamente frutuosa [*recht fruchtbringend*] através do sentido próprio e [do] espírito [próprio] do docente.”⁴²

A responsabilidade, que sobre o ensinante impende, de nas aulas não se limitar a ser “um espelho enquanto instrumento morto” (*ein Spiegel als totes Werkzeug*), mas efectivamente “chama que aquece” (*erwärmende Flamme*), é, na verdade, tremenda — até porque ela representa, apesar de tudo, um núcleo fundamental do próprio ofício que no dia a

⁴⁰ “Dem Lehrstande ist der Schatz der Bildung, der Kenntnisse und Wahrheiten, am welchem alle verflochtenen Zeitalter gearbeitet haben, anvertraut, ihn zu erhalten und der Nachwelt zu überliefern. Der Lehrer hat sich als den Bewahrer und Priester dieses heiligen Lichtes zu betrachten, da es nicht verlösche und die Menschheit nicht in die Nacht der alten Barbarei zurücksinke.”, HEGEL, *Rede auf den Amstvorgänger Rektor Schenk am 10. Juli 1809*; TW, vol. 4, p. 307. Para outros desenvolvimentos em torno do tema da guarda do “fogo sagrado” (*heiliges Feuer*), sob o prisma da cultura e da filosofia, veja-se, por exemplo: HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, Einleitung, Heidelberger Niederschrift; TW, vol. 18, pp. 12-13.

⁴¹ Gadamer, que, por seu turno, também insiste em que há que “aprender a soletrar Hegel” — “Hegel buchstabieren zu lernen”, Hans-Georg GADAMER, *Hegels Dialektik. Sechs hermeneutische Studien* (1971), Vorwort; Tübingen, J. C. B. Mohr (Paulk Siebeck), 1980, p. 5 — trata, de alguma maneira, de desenvolver este tópico hegeliano em clave hermenêutica: “todo o ler que entende [ou compreende, *alles verstehende Lesen*] é sempre já uma espécie de reprodução e de interpretação”, ou o “entender que lê [*lesendes Verstehen*] não é o repetir de algo de passado, mas participação num sentido presente.” — (“alles verstehende Lesen ist immer schon eine Art von Reproduktion und Interpretation. [...] Lesendes Verstehen ist nicht ein Wiederholen von etwas Vergangenen, sondern Teilhabe an einem gegenwärtigen Sinn.”). GADAMER, *Wahrheit und Methode. Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik* (1960), I, II, 2, c e III, III, 1, a; Tübingen, J. C. B. Mohr (Paulk Siebeck), 1975⁴, respectivamente, p. 153 e 370. Por esta abordagem ecoam também não poucas ressonâncias de um reconhecido enfoque heideggeriano: “A interpretação não é a tomada de conhecimento do entendido, mas a elaboração das possibilidades projectadas no entender.” — (“Die Auslegung ist nicht die Kenntnisnahme des Verstandenen, sondern die Ausarbeitung der im Verstehen entworfenen Möglichkeiten.”). Martin HEIDEGGER, *Sein und Zeit* (1927), § 32; Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1972¹², p. 148. Para outras considerações em torno da “hermenêutica da letra” (*Hermeneutik des Buchstaben*) e da soletração, veja-se, por exemplo: Friedrich SCHLEIERMACHER, *Über den Begriff der Hermeneutik mit Bezug auf F. A. Wolfs Andeutungen und Asts Lehrbuch* (1829), B; *Hermeneutik und Kritik*, ed. Manfred Frank, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1993⁵, pp. 343-344.

⁴² “Diese Überlieferung muß einerseits mit treuer Bemühung geschehen, aber zugleich wird der Buchstabe erst durch den eigenen Sinn und Geist des Lehrers recht fruchtbringend.”, HEGEL, *Rede auf den Amstvorgänger Rektor Schenk am 10. Juli 1809*; TW, vol. 4, p. 307.

dia se exerce: com efeito, “esta alma que habita o docente”, este exercício do pensamento em acto, “é aquilo que constitui a eficácia [*die Wirksamkeit*] do seu ensino.”⁴³

Incontornavelmente, o professor de filosofia *tem que pensar* — não apenas *antes*, não apenas *durante*, mas como o *fundo* alimentador do qual todo o seu magistério se ergue e ganha estação.

Todavia, Hegel — aproveitando a homenagem a um colega que se aposentava para introduzir uma observação de alcance mais amplo — também cura de adiantar, não sem algum vislumbre de melancolia na ponta:

O docente, depois de na sua profissão [*Beruf*] ter espalhado as sementes do conhecimento, retira-se da obra; ainda que alguma coisa de aquilo que foi semeado não tenha encontrado solo próspero, globalmente, ele está certo do efeito [*Wirkung*], e do sucesso [*Erfolg*], [da sua obra], em virtude da força superior, da [força] espiritual, que ele colocou na dádiva dispensada [*ausgespendete Gabe*]; ele pode regozijar-se interiormente [*bei sich*] com o pensamento na sementeira que germinará; porém, raramente lhe caberá em sorte sobretudo a felicidade de abarcar com a vista o campo das paveias e de, numa tal visão de conjunto, fruir do seu trabalho.⁴⁴

É afinal a dura condição de um exigente ministério, que, com confiança e sem desânimos, importa, no entanto, manter nos seus rumos.

§ 4 *Contra o formalismo na contraposição de filosofia e de filosofar.*

Chegou a altura de passarmos agora à segunda nota prometida.

Na sequência de tudo quanto temos vindo a acompanhar, este movimento irá levar-nos à consideração de que, do ponto de vista hegeliano, a filosofia *não é* um formalismo.

Duas observações preliminares importa reter.

Por um lado, e em termos substanciais, a filosofia não se apresenta como uma delicada elocubração no vazio⁴⁵: “Não se pode pensar sem pensamentos, não [se pode]

⁴³ “Diese inwohnende Seele des Lehrers ist es, was die Wirksamkeit seines Unterrichts ausmacht.”, HEGEL, *Rede auf den Amstvorgänger Rektor Schenk am 10. Juli 1809*; TW, vol. 4, p. 307.

⁴⁴ “Der Lehrer, wenn er in seinem Berufe den Samen der Erkenntnis ausgestreut hat, tritt von seinem Werke zurück; wenn auch einiges des Ausgesäten nicht gedeihlichen Boden fand, ist er im ganzen der Wirkung und des Erfolgs gewiß, um der geistigen, um der höheren Kraft willen, die in der ausgespendeten Gabe liegt; er kann sich des Gedankens an die Saat, die aufgesprossen sein werde, bei sich erfreuen; aber selten wird ihm das Glück zuteil, das Feld der Garben zumal zu überschauen und in solchem Gesamtanblick seiner Arbeit zu genießen.”, HEGEL, *Rede auf den Amstvorgänger Rektor Schenk am 10. Juli 1809*; TW, vol. 4, p. 306.

⁴⁵ Pelo contrário, e de um modo constitutivo, “o conteúdo da verdade” (*der Inhalt der Wahrheit*) assoma como aquilo que configura propriamente «o interesse da filosofia» (*das Interesse der Philosophie*), o elemento no qual ela respira. Cf. HEGEL, *Über den Unterricht der Philosophie auf Gymnasien* (1822); TW, vol. 11, p. 34.

conceber sem conceitos.” — “Man kann nicht denken ohne Gedanken, nicht begreifen ohne Begriffe”⁴⁶.

A filosofia tem, portanto, um *conteúdo*.

Um *conteúdo* que importa, desde logo, *conhecer* no seu acervo culturalmente constituído, onde se depositam os interpelantes produtos dessa imponente “galeria dos heróis da razão pensante” (*Galerie der Heroen der denkenden Vernunft*)⁴⁷ que a História da Filosofia documenta (não como arquivo morto de curiosidades empoeiradas, mas como base de uma interlocução a empreender nos, e com os, novos contextos que se apresentam⁴⁸).

Um *conteúdo* que é absolutamente indispensável *pensar*, na medida em que, no seu teor determinado, ele expressa (no próprio fluir da sua diversidade) e oferece (reflectida num acervo rico de instanciações) a realidade deveniente do ser, acontecendo ademais que, por inscrição de natureza, “a tarefa da filosofia” (*die Aufgabe der Philosophie*) consiste precisamente, não numa narrativa de fenomenalidades⁴⁹, mas em “conceber *aquilo que é*” (*das, was ist zu begreifen*)⁵⁰.

Por outro lado, a *forma* não corresponde nem a um *prius* originário desligado — enquanto condição transcendental de possibilidade — da multiplicidade aparente no registo do empírico, nem a uma adjunção exterior articulante, poética ou artisticamente congemina

Sobre algumas das implicações do conceito hegeliano da verdade — desde logo, ao nível da sua determinação objectiva e subjectiva —, veja-se, por exemplo, o meu estudo: “A concepção hegeliana da verdade”, [no livro intitulado] *Estudos sobre a ontologia de Hegel. Ser, verdade, contradição*, Lisboa, Edições Avante, 2010, p. 111-141.

⁴⁶ HEGEL, *Brief an Niethammer*, 24. März 1812; HB, vol. I, p. 398.

⁴⁷ HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, Einleitung, A; TW, vol. 18, p. 20.

⁴⁸ Daí os irónicos (mais do que macabros) remques lançados contra a “erudição” (*Gelehrsamkeit*) estéril e autopsial que parece confrangedoramente esquecer-se do elementar facto de que “múmias trazidas para o [seio do] vivo não podem nele aguentar-se” (“*Mumien, unter das Lebendige gebracht, können unter diesem nicht aushalten*”). Daí os repetidos alertas dirigidos contra a ingénua e ilusória crença — a que alguns, com sisudez ou entediados, se encostam — de que “as questões da nossa consciência, os interesses do mundo de agora” (“*die Fragen unseres Bewußtseins, die Interessen der jetzigen Welt*”) se podem encontrar já respondidos “entre os Antigos” (*bei den Alten*). Daí o incitamento constante à vigilância e à vigília de um pensar desperto, posto que, por intrínseca constituição, “a filosofia não é um sonambulismo, mas, antes, a consciência mais acordada” (*die Philosophie ist nicht ein Somnambulismus, sondern vielmehr das wachste Bewußtsein*). Vejam-se, para todos estes desenvolvimentos: HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, Einleitung, A, 3, c; TW, vol. 18, respectivamente, p. 66, 64, e 58.

⁴⁹ Como, em contraposição à historialidade de um mero alinhamento de relatos, e desvendando o nervo fundamental da operação a produzir — se destaca: “A filosofia, porém, não deve ser nenhuma narrativa [*Erzählung*] de aquilo que acontece, mas um conhecimento de aquilo que aí é *verdadeiro*, e a partir do verdadeiro ela deve, além disso, conceber aquilo que na narrativa aparece como um mero acontecer.” — “Aber die Philosophie soll keine Erzählung dessen sein, was geschieht, sondern eine Erkenntnis dessen, was *wahr* darin ist, und aus dem Wahren soll sie ferner das begreifen, was in der Erzählung als ein bloßes Geschehen erscheint.”, HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, Vom Begriff im allgemeinen; TW, vol. 6, p. 260.

⁵⁰ HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts, oder Naturrecht und Staatswissenschaft im Grundrisse*, Vorrede; TW, vol. 7, p. 26.

com o fito de domesticar (subjectivamente) refractários e incomensuráveis materiais em bruto.

Muito pelo contrário. A forma é unidade articuladora do múltiplo, mas num registo e num regime ontológicos de inerência deveniente. A forma não é uma excrescência que de fora advém ao ser, mas a própria estrutura que, de dentro dele, determina, articula, e rege, a sua manifestação.

De acordo com a *Phänomenologie des Geistes*: “a forma é o devir nativo [*das einheimische Werden*] do próprio conteúdo concreto”⁵¹; na bela formulação da *Ästhetik*: “a forma habita imediatamente na matéria, como sua essência verdadeira e poder configurante [*gestaltende Macht*]”⁵².

Ora, aquilo que, de alguma maneira, caracteriza o *formalismo* enquanto atitude intelectual (ou apanágio procedimental típico do “entendimento”, do *Verstand*)⁵³ é, por conseguinte, para Hegel, o facto de operar, e de manter, uma dissociação principial entre organização abstracta (com traços de generalidade vazia), por um lado, e conteúdo objectivo determinado, por outro.

Trata-se, pois, — e por este tabuleiro rompe toda a crítica hegeliana do *idealismo* moderno *não-dialéctico* — de uma decomposição hipostasiada que, entronizando “a subjectividade abstracta” (*die abstrakte Subjektivität*) sobre a qual “o formalismo puro” (*der reine Formalismus*) repousa⁵⁴, desatende o movimento próprio das realidades, e deixa escapar o *fundamento* da sua determinação.

⁵¹ “die Form das einheimische Inhalt des konkreten Inhalts selbst ist”, HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede; TW, vol. 3, p. 55.

⁵² “die Form wohnt der Materie, als deren wahrhaftes Wesen und gestaltende Macht, unmittelbar ein”, HEGEL, *Vorlesungen über die Ästhetik*, I, 2, A, 3; TW, vol. 13, p. 175. Lembremos, a título de curiosidade, que, remetendo para as concepções de David de Dinant — embora João Escoto Eriúgena também pudesse ser com pertinência invocado —, já Giordano Bruno insinuava que é *la materia* que “faz sair do seu seio as formas” (*manda dal suo seno le forme*), porque “as tem em si” (*le ha in sé*). Cf. Giordano BRUNO, *De la causa, principio e uno* (1584), IV; *Dialoghi italiani. Dialoghi metafisici e dialoghi morali*, ed. Giovanni Aquilecchia, Firenze, Sansoni, 1958, p. 315. Veja-se o meu estudo: “A ‘matéria’ para Giordano Bruno”, *Estudos italianos em Portugal*, Lisboa, n. 45-47 (1982-1984) [1985], p. 299-327.

⁵³ É dentro destes parâmetros que se desenvolve, e compreende, a recorrente crítica hegeliana da “lógica do entendimento” (*Verstandeslogik*), e da sua (por vezes, sofisticada) clausura num inescapável analiticismo formal abstracto sem mordente sobre a deveniência objectiva das realidades. Nos termos da referida lógica (não-dialéctica), “o conceito” (*der Begriff*) é reduzido a “uma mera forma do pensar” (*eine bloße Form des Denkens*), num quadro onto-gnosiológico em que, de alguma maneira, se consuma um incomensurável “dualismo” (*Dualismus*), dialecticamente não mediado (e, portanto, metafísico), entre “o pensar” (*das Denken*), tomado como “uma actividade meramente subjectiva e formal” (*eine bloße subjektive und formelle Tätigkeit*), e “o objectivo” (*das Objektive*), entendido como “algo de firme e de disponível [existente] por si” (*ein Festes und für sich Vorhandenes*), na figura petrificada da imediatez em que no campo da “representação” (*Vorstellung*) ocorre. Cf. HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), §§ 160, Zusatz e 192, Zusatz; TW, vol. 8, respectivamente, p. 307-308 e 344-345.

⁵⁴ Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, I, Einleitung; TW, vol. 18, p. 176.

No marco da problemática sobre a qual nesta comunicação nos debruçamos, este tópico do “formalismo” conhece também um peculiar rebatimento. Ele vem, no fundo, a desembocar na *vexata e magna quaestio* das relações que subsistem entre “filosofia” e “filosofar”, e do modo determinado de as entender.

Com frequência, esta debatida questão é-nos apresentada, ainda hoje até, como polarizando uma embaraçante “antinomia”. Alguns espíritos mais alvoroçados — esgrimindo, precipitada e extremadamente, com os mecanismos exclusivos da disjunção (só na aparência abstracta, clarificadora) que se verte no usual esquema alternativo do “ou ... ou”⁵⁵ — pretendem mesmo dá-la como configurando uma “antítese” em absoluto inultrapassável.

No entanto, nós também sabemos que, para Hegel, e na economia do seu pensamento, justamente, “a luta da razão [*der Kampf der Vernunft*] consiste em triunfar de aquilo que o entendimento fixou”.⁵⁶ A contraditoriedade dialéctica das realidades não apaga nem dissolve o momento da imediatez determinada, mas obriga a que ela não seja abstractamente erigida em unilateralidade rígida por si subsistente, e nessa figura acabada.

E é efectivamente neste horizonte albergando a complexidade plástica do devir que se desdobra o tratamento hegeliano destas disputadas matérias.

Posto que, como mencionado de início, já em ocasiões anteriores me foi dado abordar o tema, cuidarei agora de circunscrever-me ao que me parecem ser as suas articulações essenciais.

O ponto de referência remoto é, certa e compreensivelmente, a doutrina transmitida de Kant (e, depois, em diferentes tonalidades glosada), segundo a qual, e nos termos de uma formulação publicada em 1800, “sobretudo, ninguém que não pode [que não é capaz de] filosofar se pode chamar um filósofo. O filosofar só se deixa aprender, porém,

⁵⁵ A apreciação hegeliana das manipulações metafisicamente abstractas do aparelho intelectual da disjunção é, aliás, conhecida: “De facto, em parte alguma — nem no Céu nem na Terra, nem no mundo espiritual nem no [mundo] natural — há um tal ou-ou abstracto [*ein so abstraktes Entweder-Oder*] como o entendimento o afirma. Tudo o que quer que seja é um concreto [*ein Konkretes*], [e], com isso, algo de em si próprio [*in sich selbst*] diferente e contraposto.” — “Es gibt in der Tat nirgends, weder im Himmel noch auf Erden, weder in der geistigen noch in der natürlichen Welt, ein so abstraktes Entweder-Oder, wie der Verstand solches behauptet. Alles, was irgend ist, das ist ein Konkretes, somit in sich selbst Unterschiedenes und Entgegengesetztes.”, HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)*, § 119, Zusatz 2; TW, vol. 8, p. 246. Tenham-se igualmente em conta, até pela tecnicidade exibida, as considerações mais esmiuçadas sobre “o silogismo disjuntivo” (*der disjunktive Schluß*): HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, I, 3, C, c; TW, vol. 6, p. 398-401.

⁵⁶ “Der Kampf der Vernunft besteht darin, dasjenige, was der Verstand fixiert hat, zu überwinden.”, HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)*, § 32, Zusatz; TW, vol. 8, p. 99.

através do exercício [*Übung*] e de [um] uso propriamente seu [*selbsteigener Gebrauch*] da razão.”⁵⁷

Esta recorrente orientação kantiana prolifera, aliás, ao longo dos anos, em reflexões programáticas, em apontamentos marginais, e em comentários avulsos recolhidos da exposição nas aulas pelos seus auditores, coincidindo, contudo, no vincar de um mesmo escopo fundamental.

Basicamente, tratar-se-ia de “aprender, não filosofia, mas a filosofar.”⁵⁸ De onde as retumbantes decorrências esperadas, inscritas em fórmulas lapidares: em rigor, “a filosofia não pode ser ensinada”⁵⁹, “não se pode aprender filosofia nenhuma, mas sim [apenas se pode] aprender a filosofar”⁶⁰.

O imediato elemento desencadeador das contundentes reacções de Hegel, porém, na proximidade mais efervescente da circunstância que se vivia, soprava de outras bandas. Prendia-se com, e desprendia-se de, os aligeiramentos interpretativos airados dessa doutrina de extracção kantiana que, tomados no contangente rodopio da exaltação romântica e por ela coloridos⁶¹, tinham livre curso assegurado, e pareciam suscitar mesmo uma crescente aclamação efusiva em claustros universitários, nas arenas da educação, e nos palcos por onde a cultura em geral se passeia.

⁵⁷ “Es kann sich überhaupt keiner einen Philosophen nennen, der nicht philosophieren kann. Philosophieren läßt sich aber nur durch Übung und selbsteigenen Gebrauch der Vernunft lernen.”, Immanuel KANT, *Logik, ein Handbuch zu Vorlesungen* (1800), Einleitung, III; *Gesammelte Schriften*, ed. Königlich Preussische Akademie der Wissenschaften (doravante: Ak.), Berlin – Leipzig, Walter de Gruyter & Co., 1923, vol. IX, p. 25. Para desenvolvimentos em torno desta temática, podem ver-se, entre outros, o meu livro *Kant e o conceito de filosofia* (1972), Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2007, bem como: Herman Jean DE VLEESCHAUWER, “Philosophie lehren – Philosophieren lernen”, *Tradition und Kritik. Festschrift für Rudolf Zocher zum 80. Geburtstag*, ed. W. Arnold e H. Zeltner, Stuttgart – Bad Cannstatt, Friedrich Frommann Verlag – Günther Holzboog, 1967, p. 283-298; Oswaldo MARKET, “La gran lección de Kant sobre la naturaleza del filosofar”, *Anales del Seminario de Historia de la Filosofía*, Madrid, 2 (1981), p. 13-29; Manuel J. do CARMO FERREIRA, “O socratismo de Kant”, *Kant*, ed. J. Barata-Moura, Lisboa, Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras, 1982, p. 13-39; Leonel RIBEIRO DOS SANTOS, “Kant e o ensino da filosofia”, *Filosofia*, Lisboa, 2 (1988), p. 166-178; Margit RUFFING, “Selbstdenken” und “Wahrhaftigkeit” — Überlegungen zu Kants zetetischer Methode”, *Studi italo-tedeschi. Deutsch-italienische Studien*, ed. Roberto Cotteri, Merano, Accademia di Studi Italo-Tedeschi, 2005, p. 391-405; Giuseppe MICHELI, “L’insegnamento della filosofia secondo Kant”, *Insegnare Filosofia. Modelli di pensiero e pratiche didattiche*, ed. Luca Illitterati, Novara, UTET Università, 2007, pp. 136-159.

⁵⁸ “Nicht philosophie, sondern philosophieren lernen.”, KANT, *Reflexionen zur Logik*, n. 1629; Ak., vol. XVI, p. 50.

⁵⁹ “Die Philosophie nicht gelehret werden kann”, KANT, *Vorlesungen über Logik. Logik Philippi*; Ak., vol. XXIV.1, p. 321.

⁶⁰ “Man kann keine philosophie lernen, wohl aber philosophieren lernen”, KANT, *Reflexionen zur Logik*, n. 1652; Ak., vol. XVI, p. 66.

⁶¹ Informa, a propósito, um esclarecido e conceituado biógrafo que foi, precisamente, por já estar farto de todo esse grassante “romantismo misterioso” (*mysteriöse Romantik*) envolvente que Hegel viu reforçar-se nele a “convicção” (*Überzeugung*) de que a filosofia é “pura e simplesmente ensinável” (*schlechthin lehrbar*), daí retirando as convenientes consequências no que diz respeito à orientação da pedagogia. Cf. Karl ROSENKRANZ, *Georg Wilhelm Friedrich Hegels Leben* (1844), II, Übergang zum Rektorat in Nürnberg, Spätherbst 1808; ed. Otto Pöggeler, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1988, p. 248.

Se aquilo que afinal importa, levando ao extremo uma entusiasmada antitética abstracta (de altissonante e requintado recorte), é tão-só «filosofar» — com uma licença completa para a subalternização (discreta), ou para o menosprezo (aberto), de tudo quanto a «conteúdos» cheire — então,

passa a ser permitido, encorajado, e aplaudido, todo um abreviado sobrevoos galante da História da Filosofia (são aludidos os procedimentos, ao tempo constatados e notórios, de Franz Baader e de Friedrich Schlegel)⁶²,

fica superiormente autorizada a magnificação leviana e preconceituosa de uma descosida “actividade produtiva” (*produktive Tätigkeit*) de delicado e poetante pendor subjectivista⁶³, entregue à simples expressão deleitada de aquilo que pelas subtis vibrações da alma vai passando,

desimpede-se a passagem, e escancaram-se enfim as portas, a nutridos enxurros de “rabulistica do arbítrio” (*Rabulistere der Willkür*)⁶⁴, animados de um acelerado movimento de fluidos apontando à reentronização de um sentimentalismo irracionalista como última instância decisória (configurando o ramalhete uma atitude que, diga-se em abono da verdade, já o próprio Kant com denodo combatia⁶⁵).

Isto é, os aclamados paladinos coevos do «formalismo» subjectivista, nas suas diversificadas obediências e ramificações, dedicam-se, no fundo, a um curioso número (paracircense) de prestidigitação cogitativa:

usam e abusam das declinações declamatórias do *Selbstdenken*, do «pensar por si» -- que lhes vai atafulhando o verbo atafulado —, mas para entumescer rotundamente o “si”, e despedir pela socapa o *pensar*.

Ora, aquilo que acontece na efectiva verdade das realidades — ficando, no entanto, esfumado e elidido nas vaporosas espirais de exaltação com a qual estes comportamentos denunciados se deslumbram — é que o *pensar*, não sendo exclusiva *forma* ou *fôrma* de mera proveniência subjectiva (em versão transcendentalista seca, ou

⁶² Cf. HEGEL, *Über den Vortrag der Philosophie auf Universitäten* (1816); TW, vol. 4, p. 420-421.

⁶³ Cf. HEGEL, *Über den Unterricht in der Philosophie auf Gymnasien* (1822); TW, vol. 11, p. 38.

⁶⁴ Cf. HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, Vorrede; TW, vol. 7, p. 20-22.

⁶⁵ Relativamente à crítica kantiana da «misologia» (*Misologie*) — uma categoria já utilizada, por exemplo, em PLATÃO, *Fédon*, 89 c – 91 c —, enquanto desconsideração e tendencial aviltamento dos procedimentos da racionalidade: KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, transzendente Methodenlehre, IV (A 855, B 883), bem como *Logik*, Einleitung, III (Ak., vol. IX, p. 26) e *Reflexionen zur Metaphysik*, n. 4893 (Ak., vol. XVIII, p. 21). Para uma caracterização dos celebrados e divinos «efeitos da graça» (*Gnadenwirkungen*) numa «presumida experiência interior» (*vermeinte innere Erfahrung*) como epifania de um “visionarismo exaltado” (*Schwärmerei*): KANT, *Die Religion innerhalb der Grenzen der bloßen Vernunft*, I, Allgemeine Anmerkung; Ak., vol. VI, p. 53. Para uma desmontagem acerba da «filosofia do sentimento» (*Gefühlphilosophie*) em geral: KANT, *Von einem neuerdings erhobene vornehmen Ton in der Philosophie* (1796); Ak., vol. VIII, p. 397-406.

demolhadamente romântica), tem, pelo contrário, e por estrutural condição, que perscrutar e que *conceber*, paciente e fundadamente⁶⁶, os meandros constitutivos do ser na sua devenida.

As multiplicadas reticências (para comedidamente usar de uma qualificação branda) que a resplandecente exuberância amaneirada destas desenvolturas em voga⁶⁷ suscita ao olhar crítico do filósofo e do professor Hegel inscrevem-se decerto num ajuizamento severo, mas que releva de toda uma *outra* visão das coisas.

Passo a citar duas amostras ilustrativas de aquilo que na certa apreciação de Hegel em causa se encontra:

segundo a mania [*Sucht*] moderna, em particular da pedagogia, uma pessoa também não deve ser ensinada quanto ao *conteúdo* [*Inhalt*] da filosofia — como se alguém houvesse de *aprender a filosofar sem conteúdo* [*ohne Inhalt philosophieren lernen*]; isto significa, aproximadamente [o seguinte]: há-de viajar-se, e de viajar-se sempre, sem conhecer [ou sem aprender a conhecer, *kennenzulernen*] as cidades, os rios, as terras, os homens, etc.⁶⁸

Tornou-se um preconceito [*ein Vorurteil*], não somente do estudo filosófico, mas também da pedagogia (e aqui com maior alcance ainda), que o *pensar por si* [*Selbstdenken*] devia ser desenvolvido e exercido, em primeiro lugar, no sentido de que ele *não dependeria do material*, e, em segundo lugar, como se o *aprender estivesse contraposto ao pensar por si* — quando, de facto, o pensar só se pode exercer sobre um material que não é nenhuma paridura [*Geburt*] e composição da fantasia, ou nenhuma intuição [*Anschauung*] (chame-se-lhe sensível ou intelectual), mas um *pensamento* [*ein Gedanke*]; e, além disso, um pensamento não pode ser aprendido senão pelo facto de ser *ele próprio pensado*.⁶⁹

⁶⁶ É por isso que, hegelianamente, “a paciência” (*die Geduld*) não se limita a ser uma virtude do Espírito no seu “enorme trabalho da história mundial” (*ungeheure Arbeit der Weltgeschichte*) — cf. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede; TW, vol. 3, pp. 33-34 —, mas constitui ela própria também «um requisito principal do filosofar» (*ein Haupterfordernis des Philosophierens*), como numa recensão de 1831 é expressamente referido: HEGEL, *Der Idealrealismus. Erster Teil. Auch unter dem besonderen Titel: Der Idealrealismus als Metaphysik in die Stelle des Idealismus und Realismus gesetzt. Von Dr. Alb. Leop. Jul. Ohlert*; TW, vol. 11, p. 467.

⁶⁷ Recordemos que Hegel, ao zurzi-las, não deixa de comparar as insinuantes e contingentes “filosofias da moda” (*Modephilosophien*) a “uma luminescência” (*ein Leuchten*) de “fogo de palha” (*Strohfeuer*) que, por vezes, se reveste de episódios eruptivos. Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, III, III, E; TW, vol. 20, pp. 456-457.

⁶⁸ “Nach der modernen Sucht, besonders der Pädagogik, soll man nicht sowohl in dem *Inhalt* der Philosophie unterrichtet werden, als da man *ohne Inhalt philosophieren lernen* soll; das heißt ungefähr: man soll reisen und immer reisen, ohne die Städte, Flüsse, Länder, Menschen usf. kennenzulernen.”, HEGEL, *Über den Vortrag der Philosophie auf Gymnasien* (1812), II; TW, vol. 4, p. 410. Ou, na ordem metafórica, transitando do turismo para a marcenaria: “Kant é citado com admiração por ensinar, não *filosofia*, mas a *filosofar*; como se alguém ensinasse o carpinteirar, mas não a fazer uma mesa, [uma] cadeira, [uma] porta, [um] armário, etc” — “Kant wird mit Bewunderung angeführt, da er *Philosophieren*, nicht *Philosophie* lehre; als ob jemand das Tischlern lehrte, aber nicht, einen Tisch, Stuhl, Tür, Schrank usf. zu machen.”, HEGEL, *Aphorismen aus Hegels Wastebook*; TW, vol. 2, p. 559.

⁶⁹ “Es ist ein Vorurteil nicht allein des philosophischen Studiums, sondern auch der Pädagogik — und hier noch weitgreifender — geworden, da das *Selbstdenken* in dem Sinn entwickelt und geübt werden solle, da es

De um modo que convém assinalar com a atenção devida -- a fim de que a justa incidência e o verdadeiro alcance da crítica se tornem perceptíveis --, o posicionamento que Hegel assume, e em que se estriba, é *diferente*: não apenas diametralmente oposto, mas *dialecticamente* outro.

A *forma* filosófica do *pensar* — o *conceber* dos objectos no correspondente horizonte crítico e dialéctico de um *pensamento* — é constitutiva da actividade filosofante, do *filosofar*, da vivificação (pensada) da filosofia; em caso algum, e de maneira alguma, ela é enjeitada, despedida, ou secundarizada.

Todavia — e esta assoma como a perspectiva fundamental a reter, e a observar —, nunca é na ausência, ou no vazio, de uma relação com o ser que o trabalho, com *autoria* exigida, do pensar filosófico se exercita e desenvolve.

Daí que, retrospectivamente, Hegel volte a insistir, uma e outra vez, na criatividade pensante, incontornável, que subtende e anima tanto o *ensinar* como a *aprendizagem*:

A filosofia tem que *ser ensinada* e [tem que ser] *aprendida*, tal como qualquer outra ciência. O infeliz prurido de educar [*erziehen*] para o *pensar por si* [*Selbstdenken*] e [para] o *produzir próprio* [*eigenes Produzieren*, apenas a partir dos fortuitos achados e convicções imediatos da subjectividade entregue a si própria] veio a ensombrar [isto é, a obscurecer] esta verdade — como se, quando eu aprendo [o que é a] substância, [a] causa, ou que quer que seja, *eu próprio* não pensasse [também],

erstlich dabei auf das *Material nicht ankomme* und zweitens als ob das *Lernen dem Selbstdenken entgegengesetzt sei*, da in der Tat das Denken sich nur an einem solchen Material üben kann, das keine Geburt und Zusammenstellung der Phantasie oder keine, es heiße sinnliche oder intellektuelle Anschauung, sondern ein *Gedanke* ist, und ferner ein *Gedanke* nicht anders gelernt werden kann als dadurch, daß er *selbst gedacht* wird.”, HEGEL, *Über den Vortrag der Philosophie auf Universitäten* (1816); TW, vol. 4, p. 422. A consequência da elevação ao trono do formalismo amaneirado deste ponto de vista que privilegia o “filosofar” desenvolvido em detrimento da “filosofia” com embasamento — e que, ao jeito do censurado na *Naturphilosophie* de Schelling, se refastela em “uma mistura, desprovida de pensamento, da empiria mais comum com as superficiais determinações ideais” (*eine gedankenlose Vermischung der gemeinsten Empirie mit den oberflächlichen ideellen Bestimmungen*) — não se fez esperar: “Por esse facto, a filosofia afundou-se numa abjecção universal e [num] desprezo [universal], que aqueles que asseguram estar na posse do filosofar frequentemente partilham. Para o lugar da seriedade do conceber, da circunspecção do pensamento, entra um jogo com [súbitos] achados triviais [*läppische Einfällen*], que passam por intuições profundas, [por] altos pressentimentos, [e] também por poesia; e eles opinavam estar mesmo no centro, quando estão na superfície.” — (“Die Philosophie ist dadurch in eine allgemeine Verächtlichkeit und Verachtung heruntergesunken, welche diejenigen am meisten teilen, welche versichern, im Besitze des Philosophierens zu sein. An die Stelle des Ernstes des Begreifens, der Besonnenheit des Gedankens, tritt ein Spiel mit läppischen Einfällen, die für tiefe Anschauungen, hohe Ahnungen, auch für Poesie gelten; und sie meinten recht im Zentrum zu sein, wenn sie auf der Oberfläche sind.”), HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, III, III, D; TW, vol. 20, p. 452.

como se *eu não produzisse eu próprio* no meu pensar essas determinações, mas elas fossem atiradas para dentro dele como *pedras*»⁷⁰.

O laborioso itinerário em que o aprendizado em geral consiste — por muita etapa de esforçada aquisição que comporte (e comporta) — tem que encontrar o seu coroamento no *Selbstdenken* que ao longo do processo, sem poupanças mesquinhas nem atalhos especiosos, vai sendo exercitado: “A última estrada real [*königlicher Weg*], no estudo [*beim Studium*], é o pensar por si.”⁷¹

Todo o *pensar*, por conseguinte, é — sem margem para apelo, ou para a invocação de exceções — *pensar por si*.

Ninguém pode pensar pela cabeça de um outro (ainda que se pense sempre num quadro, mais dialogicamente comungado ou mais contrastivo e beligerante, de diversificada relacionalidade com outros). Trata-se de uma impossibilidade manifesta, por ausência palmar de condição. A função pensante, pura e simplesmente, não é transferível. Tem, em cada caso, que ser por cada um assumida e protagonizada. Repetir, ou decorar (e, subsequentemente, reproduzir), aquilo que uma «autoridade» estranha diz, ou dita, *não é pensar*⁷².

Este é, de resto, e para todos os efeitos, um inultrapassável requisito de entrada, sem o qual *não há*:

nem *filosofar* — e neste ponto específico, à luz dos supostos, e nos parâmetros, que destacámos, Hegel não se distancia da genuína concepção de Kant⁷³ —,

⁷⁰ “Die Philosophie muß *gelehrt und gelernt werden*, so gut als jede andere Wissenschaft. Der unglückselige Pruritus, zum *Selbstdenken* und *eigenen Produzieren* zu erziehen, hat diese Wahrheit in Schatten gestellt, — als ob, wenn ich, was Substanz, Ursache, oder was es sei, lerne, *ich nicht selbst* dächte, als ob *ich* diese Bestimmungen nicht *selbst* in meinem Denken *produzierte*, sondern dieselbe als *Steine* in dasselbe geworfen würden”, HEGEL, *Über den Vortrag der Philosophie auf Gymnasien* (1812), II; TW, vol. 4, p. 411.

⁷¹ “Der letzte königliche Weg beim Studium ist das *Selbstdenken*.”, HEGEL, *Aphorismen aus dem Wastebook* (1803-1806); TW, vol. 2, p. 557.

⁷² “O meu pensar próprio” é, propriamente, um pleonasma. Cada um tem que pensar por si; nenhum pode pensar por outro. [...]. A este subministrar de um outro fundamento, que não o da autoridade, chamou-se filosofar.” — (“Mein eigenes Denken” ist eigentlich ein Pleonasmus. Jeder muß für sich denken; es kann keiner für den anderen denken. [...]. Dies Unterschieben eines anderen Grundes, als den der Autorität, hat man Philosophieren genannt.”), HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, Einleitung; TW, vol. 18, p. 80 e 80-81. Veja-se igualmente: HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 23; TW, vol. 8, p. 80.

⁷³ Para uma reivindicação do «filosofar» como exercício do *Selbstdenken*, veja-se, por exemplo: KANT, *Logik*, Einleitung, III; Ak., vol. IX, p. 26. Por outro lado, e como é amplamente sabido: “*Pensar por si* [próprio] significa procurar a suprema pedra de toque da verdade em si mesmo (isto é, na sua razão própria); e a máxima de sempre pensar por si [próprio] são as Luzes.” — (“Selbstdenken heißt den obersten Probestein der Wahrheit in sich selbst (d. i. in seiner eigenen Vernunft) suchen; und die Maxime, jederzeit selbst zu denken, ist die Aufklärung.”), KANT, *Was heißt: sich im Denken orientieren?*; Ak., vol. VIII, p. 146. Não é por acaso que, na leitura que faz do significado dos sofistas na Grécia (em contracorrente, aliás, à generalidade das interpretações ao tempo, e tradicionalmente, dominantes), Hegel ensaia uma aproximação do *Selbstdenken* que eles intentavam praticar (ainda que em clave subjectivista) com um determinado desígnio de promoção das “Luzes” (*Aufklärung*): “aquilo que o pensamento livre há-de ganhar [ou adquirir, *gewinnen*] tem que vir dele próprio, tem que ser convicção própria; não mais se acreditará, mas investigar-se-á: em suma, são as em

nem *filosofia*.

Dialecticamente, porém, Hegel acrescenta duas outras precisões fundamentais para o correcto entendimento de aquilo que ele está a pretender significar e pôr em evidência.

Por um lado, constitui “um erro comum” (*ein gemeinen Irrtum*), também na acepção de: frequente, imaginar-se que “o carimbo do pensado por si” (*das Stempel des Selbstgedachten*) só pode legitimamente ser apostado a um pensamento «quando ele se desvia dos pensamentos dos outros seres humanos” (*wenn er abweichend von den Gedanken anderer Menschen ist*)⁷⁴.

A *autoria* do pensar significa, em rigor, *originariedade* — radicação matricial numa criação, ou numa (re)criação própria, de algo em que se patenteiam conteúdos (objectiva e subjectivamente) racionais; não é uma decorrência automática da “originalidade” entendida como artificiosa e artificial perseguição do inusitado pelo inusitado, como diletante rebuscamento caprichado de engenhosidades sibilinas, ou como função de uma “diferença” (apenas exterior) materialmente infundada.

Por outro lado, é imprescindível, a todo o momento, não perder de vista, que o *pensar* guarda uma relação fundante com o *ser* que à filosofia, na sua demanda de inteligibilidade, cabe penetrar, e dele se apoderar na figura *desenvolvida* e *concreta* do “conceito” (*Begriff*), enquanto totalidade do objectivo e do subjectivo na forma de um pensado com conteúdo, enquanto “unidade absoluta do *ser* e da *reflexão*” (*absolute Einheit des Seins und der Reflexion*) que no “movimento dialéctico da substância” (*dialektische Bewegung der Substanz*) se engendra⁷⁵.

Qual é a consequência destes reparos — ou melhor: qual é o fundamento a partir do qual eles são desenvolvidos?

tempos mais recentes chamadas Luzes.” — (“was der freie Gedanken gewinnen soll, das muß aus ihm selber kommen, muß die eigene Überzeugung sein; es wird nicht mehr geglaubt, sondern untersucht — kurz es ist die in neueren Zeiten sogenannte Aufklärung”), HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, I, I, 2, A; TW, vol. 18, p. 410.

⁷⁴ Cf. HEGEL, *Über den Vortrag der Philosophie auf Universitäten* (1816); TW, vol. 4, p. 422. É neste sentido igualmente que, criticando as orientações que parasitam a subjectividade transcendental de ascendência kantiana (e, designadamente, a de Jakob Friedrich Fries), Hegel trata de contrapor a verdadeira “originalidade” (*Originalität*) — que aponta para a produção de “algo de totalmente universal” (*etwas ganz Allgemeines*) — à mania ou à “elha” (*Marotte*) do enfunamento de um *Selbstdenken* que afinal se limita a aportar às mais diversas banalidades, despropositadas e absurdas, de “algo de disparatado” (*ein Abgeschmacktes*) ou fortuitamente ocorrente. Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, III, III, C, d; TW, vol. 20, p. 419. Como, do ponto de vista estético, igualmente se salienta, “a originalidade autêntica [tanto] do artista como da obra de arte reside apenas em ela estar animada pela racionalidade [*Vernünftigkeit*] do teor [ou conteúdo, *Gehalt*] nele próprio verdadeiro.” — (“Die echte Originalität des Künstlers wie des Kunstwerks liegt nur darin, von der Vernünftigkeit des in sich selber wahren Gehalts beseelt zu sein.”), HEGEL, *Vorlesungen über die Ästhetik*, I, 3, C, 3, c; TW, vol. 13, p. 385.

⁷⁵ Cf. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, Vom Begriff im Allgemeinen; TW, vol. 6, p. 246.

Uma vez mais, a resposta de Hegel transporta-nos para os terrenos da sua perspetivação da *ontologia*.

Naqueles termos hegelianos que Friedrich Engels justificadamente considerou — só na aparência de um modo paradoxal ou alarmante — como os de «um materialismo idealistamente colocado de cabeça para baixo [*auf den Kopf*]»⁷⁶, ou de pernas para o ar, “o filosófico” (*das Philosophische*), o teor próprio da filosofia, é “somente” (*allein*) «o concebido» (*das Begriffene*), ou seja: “o especulativo proveniente da dialéctica” (*das aus der Dialektik hervorgehende Spekulative*), “na forma do conceito” (*in der Form des Begriffs*)⁷⁷.

E este ponto devém, de pronto, a ponte para o terceiro momento que gostaria de abordar convosco.

§ 5 A incontornável, e atendível, presença da dialéctica.

Começemos a aproximação, navegando desde o largo.

Aurélio Agostinho — na esteira de todo um rico património grego antigo⁷⁸, incorporado na cultura da latinidade pagã — tratara já de pôr em relevo que a *dialectica*, enquanto “disciplina das disciplinas” (*disciplina disciplinarum*), “ensina a ensinar” (*docet docere*) e “ensina a aprender” (*docet discere*)⁷⁹.

Na abordagem de Hegel, porém, o papel e a função atribuídos à *dialéctica* não se restringem, de modo algum, à utilidade *instrumental* na relação pedagógica, de que ela

⁷⁶ “ein idealistisch auf den Kopf gestellter Materialismus”, Friedrich ENGELS, *Ludwig Feuerbach und der Ausgang der klassischen deutschen Philosophie*, II; MEW, vol. 21, p. 277.

⁷⁷ Cf. HEGEL, *Über den Vortrag der Philosophie auf Gymnasien* (1812), II; TW, vol. 4, p. 415.

⁷⁸ Na tradição socrático-platónica, e articulando a pedagogia que lhe corresponde, “o dialéctico” (⊗ *4∇8γ6946 H) — “o filósofo” (⊗ N48 Φ≡N≡H, PLATÃO, *Sofista*, 253 e) — é “aquele que sabe” (fB4Φ9ς:γ<≡H), ou que é perito em, “perguntar” (fΔ≡9□<) e “responder” (□B≡6Δ.:<γΦ2∇4): cf. PLATÃO, *Crátilo*, 390 c. Na linhagem aristotélica, “o raciocínio dialéctico” (⊗ *4∇8γ6946∈H ΦΛ88≡(4Φ: H) é aquele que se processa “a partir de opiniões comuns” (f> f<* >T<) generalizadamente aceites — cf. ARISTÓTELES, *Tópicos*, I, 1, 100 b 18 —, cabendo-lhe, por isso, nos entretuchos do dia a dia, um papel central no «examinar das aporias» (9∈ *4∇B≡Δγ ρ<) e no “argumentar” (9∈ fB4Πγ4Δγ ρ<) relativamente a cada uma das posições que as polarizam. Cf. ALEXANDRE DE AFRODÍZIA, *Comentários à Metafísica de Aristóteles*, n. 174, 1-2. Na doutrina dos antigos Estóicos, a dialéctica, designadamente, é apresentada também como um discorrer “acerca dos significantes e dos significados” (BγΔ℞ Φ0:∇.:<≡<9∇ 6∇℞ Φ0:∇4< :γ<∇), contribuindo desse modo para um esclarecimento do teor da expressão e da significação que nos diferentes discursos se plasmam. Cf., por exemplo, CRÍSIPO, *Placita cum generali stoicorum doctrina composita*, n. 122; *Stoicorum Veterum Fragmenta*, ed. Johannes von Arnim, reprod. New York, Irvington Publishers, 1986, vol. II, p. 38. Segundo o entendimento condensado de Cícero, a *dialectica* contém «juntamente» (*una*), ou em unidade, “toda a ciência” (*omnis scientia*), quer “de discernir aquilo que em qualquer coisa é” (*perspiciendi quid in quaque re sit*), a essência ou entidade, quer “de julgar a qualidade de o que quer que seja” (*judicandi quale quidque sit*), quer “de discutir com razão e método” (*ratione ac via disputandi*). Cf. Marco Túlio CÍCERO, *De finibus bonorum et malorum*, II, VI, 18.

⁷⁹ Aurélio AGOSTINHO, *De Ordine*, II, XIII, 38.

manifestamente se reveste também. O caminho é um pouco mais complexo, e apresenta um embasamento que cava mais fundo.

A dialéctica vem, assim, a assomar nuclearmente no ensino e na aprendizagem, não como um mero dispositivo acessório das suas tratativas, não como um estratagema da técnica pedagógica, mas porque ela é *constitutiva* do pensar, e porque ela irrompe pela própria manifestação do *ser*.

Para Hegel, a filosofia não é de todo um ajardinamento subtil dos aprimorados recônditos da interioridade atormentada pelas cisões que a rasgam e accionalmente parálitica na sua tolhida capacidade de “externação” (*Entäußerung*)⁸⁰, nem uma inflamada tecelagem moralística de recitações edificantes⁸¹.

A filosofia é, para Hegel, um *trabalho de demanda de inteligibilidade*: não enquanto elaboração de uma esquemática (subjectiva) que do exterior viesse a conferir sentido ao que em causa está, mas enquanto esforço pensado de penetração no teor mesmo, e na racionalidade (na “conexão”, *Zusammenhang*)⁸², de aquilo que em deveniência se encontra e importa conceber.

Hegel retoma, a diversos títulos, a temática kantiana do pensar filosófico, mas por um ângulo e segundo um contrapé que, *dialectizados*, lhe permitem acentuar a vertente de ordinário esquecida.

Sem dúvida que, como vimos, a *filosofia* não despede nem dispensa o *filosofar*. Todavia, ao apostolado da ventilação abstracta desta sentença importa contrapôr (na plenitude, a desenvolver, das suas incidências) o respectivo correlato:

“não [há] filosofar, sem filosofia” — “nicht philosophieren ohne Philosophie”⁸³.

Porquê?

Porque «a razão pensante» (*die denkende Vernunft*) tem, como vimos, um conteúdo (pensado), e, sobremaneira, porque é a *realidade efectiva* desse conteúdo que o *filosofar* pensa:

⁸⁰ Evoquem-se, por exemplo, as recorrentes e conhecidas considerações em torno da “infeliz” (*unglückliche*) condição da chamada «alma bela» (*schöne Seele*): HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, VI, C, c; TW, vol. 3, pp. 483-484, ou *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, § 140; TW, vol. 7, pp. 279-280.

⁸¹ A propósito destas virtuosas e pias “declamações” (*Deklamationen*), recorda Hegel, com bom humor, que elas “elevam o coração, e deixam a razão vazia” (*das Herz erheben und die Vernunft leer lassen*), “edificam, mas não constroem nada” (*erbauen, aber nichts aufbauen*). Cf. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, V, B, c; TW, vol. 3, p. 289.

⁸² Cf., por exemplo, HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)*, § 339, Zusatz; TW, vol. 9, pp. 348-349.

⁸³ HEGEL, *Konzept der Rede beim Antritt des philosophischen Lehramtes an der Universität Berlin (1818)*; TW, vol. 10, p. 405.

aquilo que é, *em si* [*an sich*], é racional, mas, por esse facto, ele ainda não [o] é *para* o ser humano, *para* a consciência; [é] somente através da actividade e [do] movimento do pensar [que] o racional [*das Vernünftige*] se torna, para ele [*für ihn*], aquilo que verdadeiramente ele é⁸⁴.

E onde é que a dialecticidade abre e desdobra o seu espaço de eclosão ?

Antes do mais — porque primordialmente —, é pelo próprio terreno *ontológico* que a dialéctica rompe e irrompe.

A imediatez da evidenciação *coisal* no elemento da empiricidade representa ela própria um *processo*, e é na totalidade — dialéctica — desse desenvolvimento que um ente *realmente* consiste: “a coisa” (*die Sache*) não se resume à sua “finalidade” (*Zweck*), ao estádio de per-feição⁸⁵ que teleologicamente atinge, mas enquanto universalidade morta; pelo contrário, ela é “o todo [efectivamente] *real*” (*das wirkliche Ganze*) de um decurso, de uma “execução” (*Ausführung*), em que o resultado não pode ser dissociado do “devir” (*Werden*) de realização que até ele determinadamente conduz⁸⁶.

O real é, pois, um tecido *movente* de universalidade e de particularização, de singularidades óticas em caminho de realização essencial; é *um concreto* em devir, escandido decerto por momentos e por determinações que a abstracção (a figura típica do entendimento enquanto *Verstand* na sua operação)⁸⁷ — mesmo sem todavia se quedar na

⁸⁴ “was ist, ist *an sich* vernünftig, aber darum noch nicht *für* den Menschen, *für* das Bewußtsein; erst durch die Tätigkeit und Bewegung des Denkens wird das Vernünftige, das, was wahrhaft ist, *für ihn*”, HEGEL, *Konzept der Rede beim Antritt des philosophischen Lehramtes an der Universität Berlin* (1818); TW, vol. 10, p. 405-406.

⁸⁵ Aristóteles falaria, a este propósito, de “enteléquia” ($f < \vartheta \gamma \delta \Xi \Pi \gamma 4 \forall$): o acto completo ou acabado — perfeito, na medida em que nele a “possibilidade” ou “potência” ($*\beta < \forall : 4H$) alcançou o seu “fim” ($\vartheta f 8 \Xi H$) — para o qual “tende” ($\Phi \Lambda < \vartheta \gamma : < \gamma 4$) o acto enquanto actualização realizando-se ($f < \Xi \Delta (\gamma 4 \forall)$). Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, 1, 8, 1050 a 23. Veja-se igualmente a interpretação *dinamizada* que Leibniz fornece desta categoria, no sentido de a incorporar na sua própria metafísica, por exemplo, em: Gottfried Wilhelm LEIBNIZ, *Essais de Théodicée sur la bonté de Dieu, la liberté de l’homme et l’origine du mal* (1710), I, § 87; *Die philosophischen Schriften*, ed. Carl Immanuel Gerhardt, reprod. Hildesheim, Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1965, vol. 6, p. 150.

⁸⁶ “Pois, a coisa não está esgotada na sua *finalidade*, mas [é] na sua *execução*, nem o *resultado* é o todo [efectivamente] *real*, mas [essa totalidade é] ele [o resultado] juntamente com o seu devir; o resultado para si é o universal não-vivo, tal como a tendência [*die Tendenz*, o distender deveniente do ente] [é] a mera impulsão [*Treiben*] que carece ainda da sua realidade [efectiva], e o resultado nu é o cadáver que deixou para trás de si a tendência.” — (“Denn die Sache ist nicht in ihrem *Zwecke* erschöpft, sondern in ihrer *Ausführung*, noch ist das *Resultat* das *wirkliche* Ganze, sondern es zusammen mit seinem *Werden*; der *Zweck* für sich ist das unlebendige Allgemeine, wie die *Tendenz* das bloße *Treiben*, das seine Wirklichkeit noch entbehrt, und das nackte *Resultat* ist der Leichnam, der die *Tendenz* hinter sich gelassen.”), HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede; TW, vol. 3, p. 13.

⁸⁷ “O entendimento [...] consiste em apreender as determinações de conceito [*die Begriffsbestimmungen*] apenas na sua *abstracção* e, por isso, na sua unilateralidade [*Einseitigkeit*] e finitude [*Endlichkeit*]” — (“der *Verstand* [...] darin besteht, die *Begriffsbestimmungen* nur in ihrer *Abstraktion* und damit in ihrer *Einseitigkeit* und *Endlichkeit* aufzufassen”), HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse*, Vorrede zur zweiten Ausgabe (1827); TW, vol. 8, p. 18.

rigidez das suas fixações — pode, deve, e tem que identificar e que possuir (mas para que, pensadamente, venham a ser assumidos num quadro dialéctico de racionalidade).

É por isso que «o ensino» (*der Unterricht*) propedêutico da filosofia nas escolas secundárias — preparatório de um prosseguimento de estudos na sua área específica, ou em outras — tem que ser, simultaneamente, «o começo de uma exercitação no pensar abstracto» (*der Anfang einer Übung im abstrakten Denken*), o qual, apesar de toda a necessária crítica das costumeiras absolutizações no seu emprego, não pode, a pretexto disso, ser com ligeireza desconsiderado e apressadamente removido⁸⁸.

É por isso que «a terminologia gramática» (*die grammatische Terminologie*) — constante da disposição em uso nos planos curriculares dos liceus da altura — pode ser, sem prejuízo, encarada e explorada como «a filosofia elementar» (*die elementarische Philosophie*); o seu aprofundamento obriga, com efeito, a “um constante subsumir do particular sob o universal” (*ein beständiges Subsumieren des Besonderen unter das Allgemeine*) e a “uma particularização do universal» (*eine Besonderung des Allgemeinen*) — operações nas quais, precisamente, «a forma da actividade da razão” (*die Form der Vernunfttätigkeit*) consiste⁸⁹.

⁸⁸ HEGEL, *Bericht über seine Unterrichtsgegenstände* (1810-1811); TW, vol. 4, p. 296. A recomendação volta a surgir a cada passo: “Aprender a abstrair; é a primeira capacitação para qualquer assunto da vida, conhecer o universal no concreto, fazer realçar o ponto em que ele advém. Um homem inculto fica numa coisa com todos os seus arredores contingentes; na sua apreensão, [na sua] narrativa, ele embrulha-se, tal como no [seu] agir, nas circunstâncias contingentes, e, por esse facto, a coisa perde-se. O homem culto, tal como o homem de carácter, no apreender, atém-se ao essencial, apenas a ele, e preenche-o. E o estudo, e a ocupação com a filosofia, é a habituação duradoura ao essencial, o fazer desaparecer do contingente, [do] transitório, do mesmo modo que, segundo o conteúdo, isso é precisamente aprender a conhecer as finalidades absolutas e o *ser* verdadeiro.” — (“Abstrahieren lernen; dies ist die erste Befähigung zu irgendeinem Geschäft des Lebens, in dem Konkreten das Allgemeine zu erkennen, den Punkt herauszuheben, auf den es ankommt. Ein ungebildeter Mensch bleibt in einer Sache mit allen ihren zufälligen Umgebungen; in seiner Auffassung, Erzählung verwickelt er sich, wie im Handeln, in die zufälligen Umstände und kommt dadurch um die Sache. Der gebildete Mensch, sowie der Mensch von Charakter, hält sich im Auffassen an das Wesentliche — nur an dieses, und vorführt dies. Und das Studium und Beschäftigung mit der Philosophie ist die fortdauernde Gewöhnung an das Wesentliche, das Verschwindenlassen des Zufälligen, Vergänglichlichen, so wie sie dem Inhalte [nach] eben dies ist, die absoluten Zwecke und das wahrhafte *Sein* kennenzulernen.”), HEGEL, *Konzept der Rede beim Antritt des philosophischen Lehramtes an der Universität Berlin* (1818); TW, vol. 10, p. 414. Sem dúvida que, se nos ativermos “meramente à forma abstracta do conteúdo filosófico» (*bloß an die abstrakte Form des philosophischen Inhalts*), apenas ficaremos com «uma chamada *filosofia do entendimento*” (*eine sogenannte verständige Philosophie*) — cf. HEGEL, *Über den Vortrag der Philosophie auf Gymnasien* (1812), II; TW, vol. 4, p. 414. No entanto, na dinâmica do pensar, e nos seus diferentes patamares de formação, as coisas processam-se segundo uma outra complexidade de articulação: “O pensar *abstracto*, o conceito abstracto do entendimento na sua determinidade, deve, ou tem que, preceder o pensar especulativo; mas a sequência deles [dos conceitos do entendimento] é de novo um todo sistemático. Podia limitar-se o ensino liceal a isso.” — (“Dem spekulativen Denken kann oder muß das *abstrakte* Denken vorhergehen, der verständige abstrakte Begriff in seiner Bestimmtheit; aber die Reihe derselben ist wieder ein systematisches Ganzes. Den Gymnasialunterricht könnte man hierauf beschränken.”), HEGEL, *Brief an Niethammer*, 24. März 1812; HB, vol. I, p. 397.

⁸⁹ Cf. HEGEL, *Rede zum Schuljahrschluß am 29. September 1809*; TW, vol. 4, p. 323.

É por isso, em conformidade também com a linha de raciocínio seguida, que a “um ensinar introdutório da filosofia” (*ein einleitendes Lehren der Philosophie*) cabe, com apropriada justeza, acolher enquanto “exigência habitual” (*gewöhnliche Forderung*), na sua programação e nos seus procedimentos lectivos, que se trate de começar por aquilo que mais próximo do interesse e da experiência dos discentes está disponível, “por aquilo que existe” (*vom Existierendem*) à nossa volta — não para nele mumificada e enredantemente permanecer, mas para, a partir daí, continuar a conduzir a consciência em laboração (e elaboração) do aluno até às paragens superiores e mais consistentes do “pensamento” (*Gedanken*)⁹⁰.

Lançando mão de, e cruzando, todas estas estratégias, o objectivo é claro, na unidade integradora do seu desígnio.

Trata-se, na verdade, de introduzir a, de proporcionar, e de promover, todo um continuado exercício de ascensão *pensante*, atenção: do *abstracto* ao *concreto*⁹¹ — isto é, da imediatez fortuita e parcelar do circundante, colhido de início na figura evanescente e mutável do seu aparecer, até à *totalidade* devenida das determinações em que o objecto da indagação realmente consiste⁹².

Tecendo e entretecendo o filosofar, a filosofia, o ensino e a aprendizagem da filosofia (que indispensavelmente mobilizam um filosofar), encontra-se, por conseguinte, uma experiência (pensada, e pensante) da *dialéctica* — tomada naquela acepção integradora que,

⁹⁰ Cf. HEGEL, *Über den Vortrag der Philosophie auf Gymnasien* (1812), I; TW, vol. 4, p. 405. O rumo encontra-se nitidamente traçado. Nas mais variadas circunstâncias da existência impõe-se combater “a relutância” (*das Widerstreben*) da “consciência habitual” (*gewöhnliches Bewußtsein*) “em pensar aquilo que nos é familiar” (*das Bekannte zu denken*). Cf. HEGEL, *Aphorismen aus dem Wastebook* (1803-1806); TW, vol. 2, p. 558. Hegel é, de resto, particularmente sensível à necessidade de se desenvolver toda uma crítica (pensada e pensante) do que imediata (e impensadamente) nos rodeia, e é, sem reflexão, aceite. Em alemão, o trocadilho resulta: “aquilo que é *familiar* [*bekannt*] não é por esse facto *conhecido* [*erkannt*]” — (“*was bekannt ist, darum nicht erkannt*”) HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, Vorrede zur zweiten Ausgabe (1831); TW, vol. 5, p. 22. Anteriormente, no que toca a este ponto, veja-se também: HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede; TW, vol. 3, p. 35.

⁹¹ Este tópico — espalhado, como seria de esperar, por todo o *opus* hegeliano (dada a nuclearidade articulante do seu teor) — é abordado num saboroso texto (extra-escolar), em que ocorre mostrar que quem pensa “abstractamente” (por ausência de lubrificação dialéctica) é quem permanece enclausurado na imediatez fragmentária e inconsútil das determinações, sem todavia transitar a um pensamento da totalidade (da concreção) que formam. Veja-se: HEGEL, *Wer denkt abstrakt?* (1807); TW, vol. 2, pp. 575-581.

⁹² É prosseguindo, a um nível programático, esta mesma linha de orientação metodológico-pedagógica — tomar aquilo que de alguma maneira se encontra dado como mais próximo ou acessível, a fim de proceder a uma sua penetração verdadeiramente pensante — que Hegel assinala a falta nos currículos liceais do tempo de uma maior atenção à «estética do belo» (*Ästhetik des Schönes*) e a “uma perspectiva filosófica da história” (*eine philosophische Ansicht der Geschichte*). No fundo, trata-se sempre de cultivar uma visão *filosófica* para o saber, colhido nas suas diferentes instanciações, e partindo de um aproveitamento das relações de proximidade que guardam com o interesse dos estudantes. Para estes desenvolvimentos, veja-se, por exemplo: HEGEL, *Über den Vortrag der Philosophie auf Gymnasien* (1812), I; TW, vol. 4, pp. 409-410.

na tecnicidade da terminologia hegeliana, recebe o nome (amiúde, mal compreendido) de «especulação» (*Spekulation*)⁹³.

Com efeito, de acordo com este peculiar uso das categorias, “a natureza do pensar especulativo» (*die Natur des spekulativen Denkens*) — em acto na consideração racional de um qualquer objecto (ente, processo, relação) — reside “em apreender os momentos contrapostos” (*in Auffassen der entgegengesetzten Momente*) que, na contraditoriedade fluente das suas manifestações, o integram «na sua unidade» (*in ihrer Einheit*)⁹⁴. A inteligibilidade procurada não exclui nem dissolve, pois, a *contradição* — pensa-a, tem que a pensar⁹⁵.

Ou, para recordarmos uma outra formulação desta mesma ideia que visa captar, dentro dos parâmetros supositais do pensamento hegeliano (como é óbvio), este complexo horizonte da dialecticidade: “O especulativo (ou [o] racional e [o] verdadeiro) consiste na unidade do conceito (ou do subjectivo) e da objectividade.” — (“Das Spekulative oder Vernünftige und Wahre besteht in der Einheit des Begriffs oder des Subjektiven und der Objektivität.”)⁹⁶.

⁹³ “O conteúdo filosófico, no seu *método* e [na sua] *alma*, tem três formas: 1. ele é *abstracto*, 2. *dialéctico*, 3. *especulativo*. *Abstracto*, na medida em que está no elemento do pensar, em geral; mas, meramente abstracto face ao diléctico e ao especulativo, ele é o chamado *intelectual* [aquilo que é próprio do entendimento ou intelecto, *das Verständige*], que retém e conhece as determinações nas suas diferenças rígidas [*feste Unterschieden*]. O *dialéctico* é o movimento e a perturbação [*Verwirrung*] daquelas determinidades rígidas — a razão *negativa* [*die negative Vernunft*]. O *especulativo* é o positivamente racional, o *espiritual*, [que] só [ele é] o filosófico propriamente dito.” — (“Der philosophische Inhalt hat in seiner *Methode* und *Seele* drei Formen: 1. ist er *abstrakt*, 2. *dialektisch*, 3. *spekulativ*. *Abstrakt*, insofern er im Elemente des Denkens überhaupt ist; aber bloß abstrakt dem Dialektischen und Spekulativen gegenüber ist er das sogenannte *Verständige*, das die Bestimmungen in ihren festen Unterschieden festhält und kennenlernt. Das *Dialektische* ist die Bewegung und Verwirrung jener festen Bestimmtheiten, — die *negative Vernunft*. Das *Spekulative* ist das positiv Vernünftige, das *Geistige*, erst eigentlich Philosophische.”), HEGEL, *Über den Vortrag der Philosophie auf Gymnasien* (1812), II; TW, vol. 4, pp. 412-413. Veja-se igualmente, para uma caracterização idêntica destes diferentes momentos da dialecticidade, mas algo mais desenvolvida: HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), §§ 79-82 (com os respectivos *Zusätze*); TW, vol. 8, pp. 168-179.

⁹⁴ Cf. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I, I, Der Übergang, Anmerkung 1; TW, vol. 5, p. 168.

⁹⁵ O comentário lançado contra o intelectualismo dos apologistas da impensabilidade da contradição, e contra as atormentadas coreografias em torno do enclausuramento optativo entre os membros de dis-junções abstractamente rigidificadas, é tão cortante quanto esclarecedor: “Aquilo que, em geral, move o mundo é a contradição, e é ridículo dizer que a contradição não se deixa pensar.” — “Was überhaupt die Welt bewegt, das ist der Widerspruch, und es ist lächerlich zu sagen, der Widerspruch lasse sich nicht denken.”, HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 119, Zusatz; TW, vol. 8, p. 247. Abordei alguns aspectos desta temática numa conferência na *Humboldt-Universität* de Berlin: “Den Widerspruch denken”, *Die Lust am Widerspruch. Theorie der Dialektik — Dialektik der Theorie. Symposium aus Anlass des 80. Geburtstages von Hans Heinz Holz*, ed. Erich Hahn e Silvia Holz-Markun, Berlin, trafo Verlag, 2008, pp. 61-69.

⁹⁶ HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 436, Zusatz; TW, vol. 10, p. 227. Tenhamos presente que, para Hegel, “a Ideia” (*die Idee*) consiste precisamente na “unidade” (*Einheit*) “de conceito subjectivo e da objectividade” (*von subjektiven Begriff und der Objektivität*), pelo que “a identidade” (*die Identität*) deveniente que com ela própria mantém constitui “o processo” (*der Prozess*). Cf. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, III; TW, vol. 6, respectivamente, p. 466 e 467.

Retenhamos, em todos estes passos que requerem cuidada meditação, não o (manifesto, e criticando) embasamento idealista da ontologia (no seu registo e no seu regime), mas, sim, a profunda percepção do lugar e da função (objectivamente fundados) da *dialéctica*.

A filosofia é o empreendimento da aventura do pensar: não como excursão diletante pelos exotismos da paisagem; não como elocubração ensimesmada das delicadezas e das vibrações da subtil intimidade cogitativa; mas como enfrentamento *pensante* de um real que, à nossa volta, e em nós, pulsa e se descobre na multiplicidade uma — contraditória, e transformável — das suas instanciações.

Neste particular, afigura-se-me que a passagem seguinte, extraída de um aditamento à *Enciclopédia*, é susceptível de nos transmitir em condensado uma visão fiel do nervo que dinamiza a concepção de Hegel:

“Tudo o que nos rodeia pode ser considerado como um exemplo do dialéctico. Nós sabemos que todo o finito, em lugar de ser algo de fixo e de último [*ein Festes und Letztes*], é, antes, transformável [*veränderlich*] e transitório [*vergänglich*]; e isto não é senão a dialéctica do finito, pela qual, ele, enquanto [sendo] em si [*an sich*] o outro de si próprio [*das Andere seiner selbst*], também é lançado para além de aquilo que ele imediatamente é, e se converte no seu contraposto.”⁹⁷

§ 6 Uma hesitação?

É tempo de concluir esta fala de hoje.

Exposto, de um modo sucinto, aquilo que me parece ser o fundamental quanto ao tópico em apreço nesta intervenção, há um ponto, porém, na aparência incómodo, sobre o qual não gostaria de precipitadamente pular.

Manda a singela verdade que se diga que — na privacidade, é certo, de uma comunicação epistolar a um amigo próximo (mas bem colocado na direcção do aparelho que governava o sector) — Hegel não deixa de admitir a possibilidade de a filosofia parecer

⁹⁷ “Alles, was uns umgibt, kann als ein Beispiel des Dialektischen betrachtet werden. Wir wissen da \exists alles Endliche, anstatt ein Festes und Letztes zu sein, vielmehr veränderlich und vergänglich ist, und dies ist nichts anderes als die Dialektik des Endlichen, wodurch dasselbe, als an sich das Andere seiner selbst, auch über das, was er unmittelbar ist, hinausgetrieben wird und in sein Entgegengesetztes umschlägt.”, HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)*, § 81, Zusatz; TW, vol. 8, p. 174. Penso que é à luz desta perspectiva — desenvolvendo-a e aprofundando o seu alcance, na base e no horizonte de uma ontologia *materialista* — que resulta possível compreender a chamada de atenção levada a cabo por Marx, no *posfácio à segunda edição alemã do Livro primeiro de O Capital*, em cujos termos, “pela sua essência” (*ihrem Wesen nach*), a *dialéctica* é “crítica e revolucionária” (*kritisch und revolutionär*). Cf. Karl MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Erster Band. Hamburg 1872*, Nachwort; *Marx – Engels Gesamtausgabe*, ed. Günter Heyden e Georgi Smirnow (doravante: MEGA²), Berlin, Dietz Verlag, 1987, vol. II/6, p. 709.

«supérflua» (*überflüssig*) no ensino liceal, uma vez que, nas condições curriculares do tempo, “o estudo dos Antigos” (*das Studium der Alten*) estaria também em condições de suprir essa sua função propedêutica⁹⁸.

Este desabafo tem que ser lido, e interpretado, à luz de um debate que então, e de há anos, se travava.

Com efeito, instalara-se uma polémica em torno da reorganização institucional do ensino secundário, designadamente no reino da Baviera, e não faltavam alvoroçadas vozes modernizadoras a reclamar contra a obsolescência do costumado formato “liceal” (*gymnasial*), face à necessidade (imposta pelo desenvolvimento económico e social) de uma preparação qualificada de quadros técnicos, mais orientados para o desempenho de funções no chamado mundo de todos os dias.

A posição de Hegel, expressa designadamente num anterior parecer que lhe fora pedido, encaminhava-se no sentido de que “o estudo liceal” (*das Gymnasialstudium*), enquanto “estudo das humanidades” (*Studium der Humaniora*), constitui “a formação humana universal” (*die allgemeine menschliche Bildung*)⁹⁹ — pelo que não deve ser descurado, nem abandonado. Não obstante, ele também aí reconhece, e sugere, do mesmo passo, que “há que enlaçar [desde] cedo [*früh*] a aquisição [*die Erwerbung*] de perícias técnicas, de conhecimentos empíricos, e da visão prática, com o estudo teórico.”¹⁰⁰.

Em suma, — seja leccionada nos liceus (em disciplinas filosóficas específicas, ou aprofundando filosoficamente toda a indispensável apropriação da cultura clássica), seja devidamente ministrada em outras “escolas especiais” (*Spezialschulen*) — a formação

⁹⁸ Trata-se, na verdade, da carta que acompanha o envio do parecer anteriormente solicitado, como vimos, por Friedrich Immanuel Niethammer: HEGEL, *Brief an Niethammer*, 23. Oktober 1812; HB, vol. I, p. 418-419. Hegel de boa mente confessa que não acrescentou ao seu documento “uma nota final” (*eine Schlussanmerkung*), por “ainda estar com dúvidas” (*ich noch uneins mit mir selbst bin*) quanto à solução mais ajustada a dar a um problema que então se colocava. A questão era, nem mais nem menos, a de que “talvez todo o ensino filosófico nos liceus” (*vielleicht aller philosophischen Unterricht an Gymnasien*) pudesse parecer “supérfluo” (*überflüssig*), uma vez que “o estudo dos Antigos seria o mais adaptado à juventude liceal e, pela sua substância, a verdadeira introdução à filosofia” — (“das Studium der Alten das Gymnasialjugend angemessenste und seiner Substanz nach die wahrhafte Einleitung in die Philosophie”). Os invocados motivos da hesitação hegeliana, por sua vez, não deixam de ser curiosos, pela própria contradição de estatuto de que dão testemunho: enquanto professor de filosofia, Hegel não queria pôr em causa nem a sua “especialidade” (*Fach*) nem o seu “lugar” (*Stelle*); enquanto reitor do *Ägidien-Gymnasium*, já ao tempo a braços com os complexos e delicados problemas da gestão do pessoal, teria todo o interesse em que os docentes das “ciências filosóficas” (*philosophische Wissenschaften*) nos liceus fossem declarados dispensáveis, se lhes distribuisse outra “matéria” de leccionação (*Pensum*), ou fossem mesmo mandados para “outro sítio qualquer” (*anderswohin*)...

⁹⁹ Cf. HEGEL, *Gutachten über die Stellung des Realinstituts zu den übrigen Studienanstalten* (1809); TW, vol. 4, p. 384.

¹⁰⁰ “ist die Erwerbung technischer Fertigkeiten, empirischer Kenntnisse und des praktischen Blicks früh mit dem theoretischen Studium zu verknüpfen.”, HEGEL, *Gutachten über die Stellung des Realinstituts zu den übrigen Studienanstalten* (1809); TW, vol. 4, p. 387.

secundária básica não pode prescindir de uma familiarização (treinada) com o exercício do pensar.

O cultivo determinado dos diferentes saberes particulares, nos domínios que lhes são próprios, não pode, com efeito, prescindir, em qualquer dos seus estádios e patamares de desenvolvimento, da perspectivação *filosófica*, na precisa medida em que ela corresponde à, e permite a, “*consideração pensante dos objectos*” (*denkende Betrachtung der Gegenstände*)¹⁰¹.

A orientação central, por sua vez, na própria intencionalidade que põe na mira, apresenta-se, em todo o caso, como inequívoca (atendendo até a que visa dissipar os costumados equívocos que teimosamente espreitam):

Enquanto ciência propedêutica, a filosofia tem, em particular, de prestar [*leisten*] a cultura formal [*die formelle Bildung*] e o exercício [*Übung*] do pensar; algo que ela apenas consegue por [um] afastamento total [*durch gänzliche Entfernung*] relativamente ao fantástico, pela determinidade dos conceitos, e por um andamento metódico consequente¹⁰².

Saber pensar — e pensar efectivamente — é preciso; e é uma iniciação, sólida e séria, em tarefas dessa índole que a filosofia -- fazendo uso do rigor, da crítica, e da busca de fundamentação, que lhe são próprios — está destinada a, e tem que, proporcionar, desde os níveis elementares da sua escolarização, aos que na órbita da sua influência passam a estar compreendidos.

Apesar, e através, de todas as repetidas e contundentes críticas desde cedo dirigidas contra “a chateza” (*die Platitude*) trivial e “a pouca profundidade” (*die Seichtigkeit*)¹⁰³ sem remédio, características do metafísico “dogmatismo da iluminice” (*Dogmatismus der Aufklärung*)¹⁰⁴, assentes e comprazidas num enfunamento rasteiro da “vanidade do entendimento” (*Eitelkeit des Verstandes*)¹⁰⁵ — Hegel, na plena assunção da *racionalidade dialéctica* que anima os seus propósitos teóricos, permanece fiel a, e adopta, um dos vectores genuinamente fundantes da *Aufklärung*, que, de resto, permite combater variadas e prementes pulsões de alienação que, ao redor, teimam em arregimentar adeptos:

¹⁰¹ Cf. HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)*, § 2; TW, vol. 8, p. 41.

¹⁰² “Als propedeutische Wissenschaft hat die Philosophie insbesondere die formelle Bildung und Übung des Denkens zu leisten; dies vermag sie nur durch gänzliche Entfernung vom Phantastischen, durch Bestimmtheit der Begriffe und einen konsequenten methodischen Gang”, HEGEL, *Über den Vortrag der Philosophie auf Universitäten (1816)*; TW, vol. 4, p. 424.

¹⁰³ Cf. HEGEL, *Konzept der Rede beim Antritt des philosophischen Lehramtes an der Universität Berlin (1818)*; TW, vol. 10, p. 403.

¹⁰⁴ Cf. HEGEL, *Glauben und Wissen, oder die Reflexionsphilosophie der Subjektivität in der Vollständigkeit ihrer Formen als Kantische, Jacobische und Fichtesche Philosophie (1802)*; TW, vol. 2, p. 292.

¹⁰⁵ Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Philosophie der Religion*, III, C, III, 3; TW, vol. 17, p. 340-341.

“O ser humano não é livre, se não pensar” (*der Mensch ist nicht frei, wenn er nicht denkt*), pois, caso venha a abdicar desse exercício constitutivo, ficará, na sua consciência e nos seus comportamentos, irremediavelmente prisioneiro da subordinação alienante aos ditados e aos ditames de “um outro” (*ein Anderes*)¹⁰⁶.

É também deste exigente vector humanizante, por onde desponta todo um vincado potencial emancipatório a trabalhar, que a filosofia — segundo Kant, no seu “conceito cósmico” (*conceptus cosmicus, Weltbegriff*)¹⁰⁷; para Hegel, numa distendida perspectiva “histórico-mundial” (*weltgeschichtliche*) que transcende as imediatas fronteiras do ético¹⁰⁸ --, desde o seu âmago, trata.

§ 7 Coda final.

Cuidemos, então — ainda que ao segundo ensaio — de rematar esta alocução que já vai longa e prolixa.

No quadro grandioso da doutrina hegeliana sistematicamente disposta e narrada, a Filosofia (constituída, e em processo de constituição) anuncia-se como a figura do momento mais rico, historicamente devindo, em que o *Geist* se recolhe, se descobre, ganha consciência dele próprio, e se torna “para si” (*für sich*) aquilo que “em si” (*an sich*) ele é¹⁰⁹.

O *Geist* é o “Espírito”. E o “Espírito”, na tecnicidade do instrumentário categorial hegeliano (e na base da bateria de supostos em que a sua concepção repousa), denota a instância que, primária e ultimamente, responde à pergunta por “aquilo que é”: a condição do *Geist* reconduz-se a “ser o [efectivamente] real” (*das Wirkliche zu sein*)¹¹⁰ — não na

¹⁰⁶ Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*, IV, III, 3; TW, vol. 12, p. 521. Lembremos que, castigando “a preguiça” (*die Faulheit*) e “a cobardia” (*die Feigheit*) de todos aqueles que se recusam a assumir e a protagonizar o exigente estatuto humanizante de uma maioria de razão, Kant havia deixado já um interpelador desabafo irónico: “É tão cómodo ser menor [de idade, e de condição humana].” [...] — (“Es ist so bequem, unmündig zu sein.”), KANT, *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung ?* (1784); Ak., vol. VIII, p. 35. Para um enquadramento e desenvolvimentos em torno da matizada leitura hegeliana das Luzes, veja-se, por exemplo, entre outros: Werner BAHNER, “Die Aufklärung in Hegels Sicht», *Vom Mute des Erkennens. Beiträge zur Philosophie G. W. F. Hegels*, ed. Mafred Buhr e Todor Iljitsch Oiserman, Berlin, Akademie-Verlag, 1981, p. 130-151. Para um levantamento do diversificado mapa da utilização hegeliana do vocabulário da alienação: Marcella D’ABBIERO, “*Alienazione*” in *Hegel. Usi e significati di Entäußerung, Entfremdung, Veräußerung*, Roma, Edizioni dell’Ateneo, 1970.

¹⁰⁷ Cf. KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, transzendente Methodenlehre, III (A 839, B 867), e *Logik*, Einleitung, III (Ak., vol. IX, p. 24).

¹⁰⁸ “A história mundial é o progresso na consciência da liberdade” — (“Die Weltgeschichte ist der Fortschritt im Bewußtsein der Freiheit”), HEGEL, *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*, Einleitung, B, a; TW, vol. 12, p. 32.

¹⁰⁹ Cf., por exemplo, HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), §§ 387 e 577; TW, vol. 10, respectivamente, p. 38 e 394.

¹¹⁰ HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, VII, C; TW, vol. 3, p. 558.

transcendência sobrepairante de “um reino dos céus” (*ein Himmelreich*)¹¹¹ diáfana e higienicamente regulador, transposto para um imaginado “Além” (*Jenseits*) do ser¹¹², mas na tortuosa imanência trabalhada e pensada de “aquilo que há”, com todas as suas vicissitudes e “feridas” (*Wunden*)¹¹³.

A Filosofia devém, por conseguinte, no contexto e nos termos do *muito peculiar* idealismo hegeliano, o pensar *do* ser (numa acepção em que o genitivo se reveste, simultaneamente, de uma valência objectiva e subjectiva) — o *ser* assomado, assumido, e reflectido, em *pensamento*.

É neste sentido que, por vezes, Hegel refere que “a meta última” (*das letzte Ziel*) da Filosofia reside nesta “reconciliação do Espírito” (*Versöhnung des Geistes*) consigo próprio, neste auto-reencontro do ser que, pensando-*se* no pensar, “se compreendeu na sua liberdade e na riqueza da sua [efectiva] realidade” (*sich in seiner Freiheit und in dem Reichtum seiner Wirklichkeit erfaßt hat*)¹¹⁴.

Este labor *teórico* de tomada de uma auto-consciência sapiente, tal como a realização *prática* das figurações históricas determinadas que lhe permitem conhecer objectivação num contorno de exterioridade (subsequentemente pensável), não se encontram, porém, suspensas de uma vaporosa actuosidade etérea; apresentam, pelo contrário, na sua incarnação, um *portador* determinado¹¹⁵. Trata-se, na verdade, de constitutivas funções de

¹¹¹ Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, II, Einleitung; TW, vol. 19, p. 501.

¹¹² Tenham-se em conta, por exemplo, as recorrentes considerações hegelianas em torno da “infinitude má” (*schlechte Unendlichkeit*), “o infinito finitizado” (*das verendlichte Unendliche*) que o entendimento, na sua incapacidade de surpreender e de conceber o processo dialéctico de realização deviente em que consiste, hipostasia, em regime metafísico ou nas declinações do “dever-ser” (*Sollen*), como “um Além” (*ein Jenseits*). Cf. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I, I, I, 2, C; TW, vol. 5, pp. 149-166.

¹¹³ Cf. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, VI, C, c; TW, vol. 3, p. 492.

¹¹⁴ Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, III, III, E; TW, vol. 20, p. 455. No marco de uma historicidade em que a figura do auto-reconhecimento emerge e se vai concretizando, “a palavra da reconciliação é o Espírito *existindo*” — “Das Wort der Versöhnung ist der *daseiende* Geist”. Cf. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, VI, C, c; TW, vol. 3, p. 493.

¹¹⁵ Para uma interventiva leitura (ainda jovem-hegeliana) deste tema dos “portadores espirituais” (*geistige Träger*) de uma afirmanda e realizanda razão, num desígnio (crítico, e transformador) de promover uma “libertação do mundo relativamente à não-filosofia” (*Freimachung der Welt von der Unphilosophie*) que nele assentara os seus arraiais, veja-se, por exemplo: MARX, *Differenz der demokritischen und epikureischen Naturphilosophie, nebst einem Anhang* (1841), Anmerkungen zum ersten Teil, IV; MEGA², vol. I/1, p. 68-69. Nas condições do *Vormärz*, e impregnando o desafio de continuar a fazer filosofia depois de Hegel (num endereço não apenas de bordado exegético), esta problemática andava efectivamente no ar que o discipulato com sangue na guelra pretendia respirar. É neste sentido que, designadamente, um amigo e aluno polaco de Karl Ludwig Michelet em Berlin, numa perspectiva futurante de determinação prática das realidades, aponta para “os *executores da história*” (*die Vollführer der Geschichte*) — cf. August von CIESZKOWSKI, *Prolegomena zur Historiosophie* (1838), I; ed. Rüdiger Bubner, Hamburg, Felix Meiner Verlag, 1981, p. 16 — , ou que um teólogo da nova geração (hegelianamente inspirado) entende proclamar que «o ser humano é ele próprio, precisamente, o sítio no qual o Espírito absoluto leva a cabo de modo supremo o seu processo»: — (“der Mensch ist ja selbst die Stätte, in welcher der absolute Geist seinen Process in der höchsten Weise vollbringt”), David Friedrich STRAUSS, *Die christliche Glaubenslehre in ihrer geschichtlichen Entwicklung und im Kampfe mit der modernen Wissenschaft* (1841), Einleitung, § 2; ed. Werner Zager, Darmstadt,

mediação do *ser*, da qual as *comunidades humanas* na sua destinação — pelo pensar que empreendem, e pela reconfiguração do mundo que operam se desempenham.

É esta a genuína e estruturante significação que se desprende do facto de Hegel afirmar, reportando-se ao “princípio” (*Prinzip*) que o *Geist* na história revela, que “a figura em que ele existe é um Povo” (*die Gestalt, in der er existiert, ist ein Volk*); e que “o desenvolvimento espiritual” (*die geistige Entwicklung*) que desse modo se processa “não é meramente um *provir inactivo*” (*nicht bloß ein untätiges Hervorgehen*), uma processão automática, mas algo que envolve e empenha “*trabalho, actividade* contra aquilo que está disponível [na existência], *remodelação dele*” (*Arbeit, Tätigkeit gegen ein Vorhandenes, Umbildung desselben*)¹¹⁶.

Transformar o mundo não corresponde, por conseguinte, nem a um desiderato quimérico de contorcidas moralidades piedosas (e generosamente animadas das melhores intenções), nem a uma prepotente (e arbitrária) violentação iracunda do ser (perigosamente subversora da sua sacrossanta ordem estabelecida); é, antes, uma condição intrínseca e uma exigência de racionalidade no prosseguimento enriquecido da sua marcha.

Em termos hegelianos, *desde logo* — e, mais tarde, reconfiguradamente jovem-hegelianos¹¹⁷ —, aquilo que, no fundo e na sua concretização, em causa está é o processo da “realização da razão” (*Verwirklichung der Vernunft*)¹¹⁸, praticamente indutora de necessários e tempestivos revolucionamentos.

De um ponto de vista subjectivo — e até porque o filosofar não é de modo algum uma intenção decorativa a exhibir como adereço em ocasiões solenizadas, nem uma adiada promessa virtual de esclarecimento a resguardar no aconchego dos tinteiros —, o exercitamento materializado do *pensar*¹¹⁹, mesmo quando se venha a plasmar tão-só numa

Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2009, vol. I, p. 15. De um modo análogo, são ainda de inscrever nesta diversificada ambiência, onde uma mesma tonalidade de fundo se deixa aperceber, tanto a revalorização reconfigurada da «filosofia do acto» (*Philosophie der Tat*) enquanto manifestação politicamente colorida e vitalizada do Espírito — cf. Moses HESS, *Die europäische Triarchie* (1841), Einleitung, ou *Philosophie der That* (1843); *Philosophische und sozialistische Schriften. 1837-1850. Eine Auswahl*, ed. Wolfgang Mönke, Berlin, Akademie-Verlag, 1980², respectivamente, p. 77-78 e 210-226 —, como a consumada revelação principial de que “o segredo da teologia é a antropologia”: — (“das Geheimnis der Theologie die Anthropologie ist”), Ludwig FEUERBACH, *Das Wesen des Christentums* (1841), Vorwort; GW, vol. 5, p. 7.

¹¹⁶ Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, Berliner Niederschrift der Einleitung (1820), II; TW, vol. 20, p. 508-509.

¹¹⁷ Veja-se a este propósito, por exemplo, o meu livro: *A “realização da razão”. Um programa hegeliano?*, Lisboa, Editorial Caminho, 1990.

¹¹⁸ “Na vida de um povo, o conceito da realização da razão autoconsciente tem, de facto, [...] a sua realidade completada.” — (“In dem Leben eines Volks hat in der Tat der Begriff der Verwirklichung der selbstbewußten Vernunft [...] seine vollendete Realität.”), HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, V, B; TW, vol. 3, p. 264-265.

¹¹⁹ Como repetidamente é lembrado: “aquilo por onde o ser humano se diferencia do animal é o pensar.” — (“das, wodurch sich der Mensch vom Tiere unterscheidet, das Denken ist”), HEGEL, *Wissenschaft der Logik*,

modéstia de aporções, corresponde à quota-parte que, desde logo, a cada filósofo (encartado, ou aprendiz) cabe nesta realizanda in-carnação do Espírito.

Na imediatez do tabuleiro, parece tratar-se de uma excepcionalidade, de um exótico assunto de depurada “teoria” (destinado a preencher os distanciados vagares de algum raro episódio de congeminção incorrida); na realidade, porém, configura e compromete simplesmente toda uma quotidiana ocupação com o viver.

É por isso que “a coragem da verdade” (*der Mut der Wahrheit*) se perfila — de um modo mais desafiador, e com uma intenção mais exigente, do que à primeira vista se suspeita — como “a condição primeira da filosofia” (*die erste Bedingung der Philosophie*)¹²⁰.

É por isso que “o princípio da liberdade não está apenas no pensar” (“*das Prinzip der Freiheit ist nicht nur im Denken*”) — enquanto requisito indispensável para o seu exercício efectivo —, mas constitui ele próprio “a raiz do pensar” (*die Wurzel des Denkens*)¹²¹.

É por isso que, ao jeito de um corolário porventura inesperadamente severo e contundente nesta interpelação, Hegel chega ao ponto de afirmar que «quem, para a conquista da liberdade [*Erringung der Freiheit*], não possuir a coragem de arriscar a vida merece ser escravo»¹²².

Penso — retornando, de alguma maneira, a coisas que ao começo foram ditas — ter carreado perante vós materiais suficientes para que se perceba por que é que Hegel tanto insiste em que “faz falta” (*es tut not*), muito em especial, “que se volte a fazer do filosofar um assunto sério”¹²³.

Vorrede zur zweiten Auflage; TW, vol. 5, p. 20. Na nossa tradição cultural, o brocardo é antigo, mas, pela simples inspecção das circundâncias, o seu accionamento generalizado parece estar longe de ser o requerido, e de ocorrer na frequência desejável.

¹²⁰ Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, Einleitung, Heidelberger Niederschrift; TW, vol. 18, p. 13. Esta mesma ideia é retomada igualmente em: HEGEL, *Konzept der Rede beim Antritt des philosophischen Lehramtes an der Universität Berlin* (1818); TW, vol. 10, p. 404.

¹²¹ Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, III, II, 2, C, 4; TW, vol. 20, p. 312. Lembremos, a propósito, que, no contexto embora da problemática agostiniana dos invocandos auxílios divinos a que seria conveniente recorrer, também a “liberdade primeira” (*prima libertas*) é a “de procurar o verdadeiro” (*verum quaerendi*). Cf. AGOSTINHO, *De libero arbitrio*, I, II, 4.

¹²² “Wer für die Erringung der Freiheit das Leben zu wagen den Mut nicht besitzt, der verdient, Sklave zu sein”, HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), § 435, Zusatz; TW, vol. 10, p. 225. Este pronunciamento ocorre, excusado seria recordar, num contexto em que se retomam, uma vez mais, as considerações em torno da dialéctica da “dominação” (*Herrschaft*) e da “servidão” (*Knechtschaft*), emblematicamente introduzidas em HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, IV, A; TW, vol. 3, p. 145-155.

¹²³ “da∃ wieder ein ernsthaftes Geschäft aus dem Philosophieren gemacht werde”, HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede; TW, vol. 3, p. 62.

Curiosamente — ou talvez não —, uma observação bem semelhante consta já do sentenciário transmitido de Epicuro: “É preciso filosofar, não para fazer de conta [BΔ≡ΦB≡4γ ϕ Φ2∇4], mas filosofar realmente [∠<9TH N48≡Φ≡Nγ ϕ <]”¹²⁴.

Que não nos falte a coragem e o discernimento no empreender da tarefa.

Quanto à vossa paciência para me escutar, essa, já de há muito se acabou.

Muito obrigado.

Lisboa, Agosto de 2011.

¹²⁴ “≡↔ BΔ≡ΦB≡4γ ϕ Φ2∇4 *γ ϕ N48≡Φ≡Nγ ϕ <, □88° ∠<9TH N48≡Φ≡Nγ ϕ <”, EPICURO, *Gnomológico Vaticano*, 54; *Epistulae Tres et Ratae Sententiae a Laertio Diogene servatae*, ed. P. Von der Muehl, Stuttgart, B. G. Teubner, 1975³, p. 66.